

7faces

caderno-revista de poesia

Natal – RN, Ano 5. Edição 10. Ago.-Dez. 2014

ISSN 2177 0794

Obra da homenageada

Poesia

Poesia (1944)
Dia do mar (1947)
Coral (1950)
No tempo dividido (1954)
Mar novo (1958)
O cristo cigano (1961)
Livro sexto (1952)
Geografia (1967)
Grades – antologia de poemas de resistência (1970)
11 poemas (1971)
Dual (1972)
O nome das coisas (1977)
Navegações (1996)
Ilhas (1989)
Singraduras (1991)
Musa (1994)
O búzio de nós e outros poemas (1997)
Mar (2001)
Orpheu e Eurydice (2001)
Poemas sobre Pessoa (2012)

Prosa

Contos exemplares (1962)
Os três reis do Oriente (1965)
A casa do mar (1979)
Histórias da terra e do mar (1984)
Era uma vez uma praia atlântica (1977)
O anjo de Timor (2003)
A menina do mar (1958)
A fada Oriana (1958)
A noite de Natal (1959)
O cavaleiro da Dinamarca (1964)
O rapaz de bronze (1996)
A floresta (1968)

Teatro

O Bojador (1961)
O colar (2001)

* Aqui está listada apenas parte mais significativa da produção literária da autora. Não foi nosso interesse a publicação de uma bibliografia completa.

7faces

caderno-revista de poesia

Natal – RN

Os poemas nascem dos lugares
Sophia de Mello Breyner Andresen

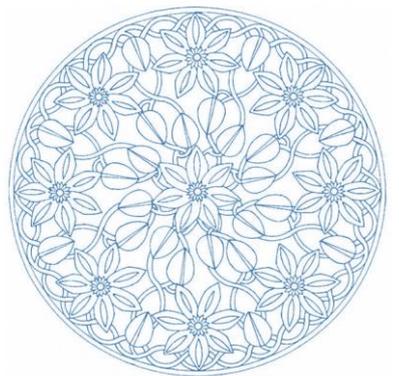
sumário





Apresentação	
Poesia e realidade	15
<i>Por Sophia de Mello Breyner Andresen</i>	
Aquela memória que vem e fica ou retrato em palavras	26
Herberto Helder, Eduardo Lourenço, Gastão Cruz, Miguel Sousa Tavares	
Finitude e transcendência na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen	47
<i>Por Alexandre Bonafim Felizardo</i>	
POEMAS 1	65
Ricardo Escudeiro	
Bianca Coggiola	69
Stefano Calgaro	75
Suzy Freitas	85
Guilherme Dearo	91
ENTREMEIO	
Uma educação em forma de poema	101
<i>Por Pedro Belo Clara</i>	

POEMAS 2	117
Alexandre Guarnieri	
Nathan Matos Magalhães	125
José de Paiva Rebouças	131
Rodrigo Della Santina	139
Douglas Siqueira	145
José Carlos Brandão	155
Victor Prado	163
Um poeta é o que escreve	172
Itinerário poético de Sophia	
<i>Por Maria de Lourdes Belchior</i>	





apresentação

POESIA E REALIDADE

Ignorante de versos é o poeta.
Teixeira de Pascoaes

Se ponho antes das minhas palavras esta frase de Pascoaes não é porque ela desminta tudo quanto se possa dizer e tudo quanto eu possa dizer sobre poesia, mas sim porque ela afirma toda a definição de poesia que eu possa encontrar está assente num limite.

Eu sei que nunca se dirá tudo o que a poesia é. Nenhuma análise, nenhuma teoria explicará o que a torna tão necessária a alguns homens e o que a torna tão indiferente a outros.

Aquele que tem o sentido da poesia reconhece-a imediatamente, como aquele que tem sede reconhece a água. Sem necessidade de análise, de conceitos ou de teorias.

Mas aquele que não tem o sentido da poesia não a reconhece nunca, por maior que seja a sua cultura e por mais vasta que seja a sua informação.

Nenhum sistema de filosofia, nenhum tratado de estética pode ensinar a distinguir um poema verdadeiro dum falso poema.

Sabemos da poesia que ela é uma necessidade, mas que não é uma necessidade geral.

Como necessidade, sabemos que ela é uma necessidade elementar e vital e não uma necessidade secundária.

De fato, um homem que precisa de poesia precisa dela, não para *ornamentar* a sua vida, mas sim para viver.

Precisa dela como precisa de comer ou de beber. Precisa dela como condição de vida, sem a qual tudo é apenas marginal e cinza morta.

A palavra poesia é usada em três sentidos: chamamos poesia a *Poesia em si*, independente do homem. Chamamos poesia à relação do homem com a Poesia do Universo. E chamamos poesia à linguagem da poesia, isto é, ao poema.

Para tornar claro o que vou dizer, chamarei Poesia à *poesia em si*, poesia à relação do homem com a Poesia e poema à linguagem da poesia.

A POESIA

A Poesia existe em si – independente do homem. Realidade das coisas, ela existe mesmo onde ninguém a vê e onde ninguém a conhece¹.

O homem da nossa época vê maravilhosas fotografias dos anéis de Saturno. É possível que nas futuras viagens interplanetárias o homem possa desembarcar em Saturno e caminhar através da sua beleza, conhecendo a sua Poesia. Mas assim como a beleza já existia antes de o homem ali ter chegado, assim também a Poesia de Saturno é anterior às viagens no espaço, às fotografias dos observatórios e até ao fato de sabermos que Saturno existe e tem anéis.

Pois a Poesia é a própria existência das coisas em si, como realidade inteira, independente daquele que a conhece.

Porque não somos nós que criamos o mundo.

Se o poeta procura tanto a solidão, não é só para fugir ao rumor e à agitação, mas também para ver as coisas, quando elas estão sozinhas. A emoção que sentimos ao entrar numa casa deserta ou num jardim abandonado, é a emoção de vermos como as coisas sem nós existem,

na sua própria realidade, *em si*. É com esse *em si* que o poeta quer entrar em relação.

A poesia

A poesia é a relação do homem com a Poesia. Ou melhor: a poesia é a relação pura do homem com as coisas. Isto é: uma relação do homem com a realidade, tomando-a na sua pura existência.

O poeta é aquele que vive com as coisas, que está atento ao Real, que sabe que as coisas existem².

Pascoaes diz:

Ninguém contempla as coisas admirado:
Dir-se-á que tudo é simples e vulgar...
E se olho a Terra, a flor, o céu doirado,
Que infanda comoção me faz sonhar!

Esta relação com a realidade é essencialmente *encontro* e não *conhecimento*.

A atitude do homem de ciência perante a Realidade é igual à atitude dum anatomista perante um corpo morto que ele estuda e analisa.

A atitude do poeta perante a Realidade é igual à atitude do amante perante um corpo vivo com o qual ele se encontra, viva, se une e se confunde.

A poesia só é conhecimento por consequência, isto é, na medida em que de todo o encontro nasce necessariamente conhecimento.

O poeta não tem curiosidade do Real, mas sim necessidade do Real. A verdadeira ânsia dos poetas é uma ânsia de fusão e de unificação com as coisas.

Ao longo de todos os poemas do mundo, os poetas pedem o abraço total com a Poesia. Diz Hölderlin:

Concedei-me um só sentido, ó Poderosas!
E um outono ao meu canto maduro,
Que meu coração mais pronto do doce
Jogo farto, então morra!

A alma que em vida o divino direito

Não alcançou, também não repousa lá baixo no Orco;
Mas se uma vez o Sagrado, aquilo
Que ao peito me é caro, o Poema, atingir,

Benvindo então, silêncio do reino das sombras!
Contente estarei, ainda que a lira
Me não acompanhe; uma vez
Terei vivido como os deuses e mais não preciso.

Esta fome de encontro absoluto com a Poesia está presente em todos os poetas, com mais ou menos força, com mais ou menos evidência.

A união com a Poesia e não o poema é a finalidade do poeta.

Mas por mais real que seja o encontro, nunca é total; por mais funda que seja a união, nunca é absoluta. A relação do homem com as coisas nunca é uma túnica sem costura. Há sempre uma lacuna. Essa lacuna o poeta leva-a como uma ferida na sua carne ou, como diz Hölderlin, como um espinho no seu peito. No poema “Fantasia ao anoitecer” ele diz o que essa lacuna é:

Para onde irei eu? Vivem os mortais
De soldo e trabalho: alternando em fadiga e repouso
Tudo se alegra; porque não dorme então
Nunca em meu peito o espinho?

No céu da tarde floresce toda uma primavera:
Incontáveis florescem as rosas e tranquilo aparece
O mundo áureo: oh! levai-me para lá,
Nuvens purpúreas! e que lá em cima

Em luz e ar se dissolvam meu amor e dor! –
Mas, como corrido da súplica louca, foge
O encanto: faz-se escuro, e solitário
Sob o céu, como sempre, me encontro.³

É nesta lacuna, nesta impossibilidade de fusão com a Poesia, nesta distância que o separa dos Deuses, que o espírito de Hölderlin se despedaça, vencido.

É perante esta lacuna que Rimbaud renega a Poesia, quebra a poesia e se refugia na aventura.

E é no momento desta lacuna que o poema surge como um medianoiro.

O poema vem como um intermediário, é ele que torna possível que a poesia não se quebre contra os seus próprios limites. Podemos dizer por isso que o poema é liberdade.

Mas Hölderlin e Rimbaud prosseguiram a sua busca para além do poema. Rimbaud diz:

Non plus ces boissons pures
Ces fleurs d'eau pour verres;
Legendes ni figures
Ne me désaltèrent

Entre a Poesia e sua sede Rimbaud não aceita nenhum intermediário. Escreve ele:

Et j'ai vu quelque-fois ce que l'homme a cru voir.

Hölderlin diz-nos que achou “a estrada para os Deuses”. Essa estrada ele a seguirá para além do poema e para além da loucura, quebrando o seu espírito na busca do encontro total.

O poema

O terceiro sentido da palavra poesia é o poema.

É só neste sentido que a poesia é *poiein* – criar.

O poeta vê a Poesia, vive a poesia e faz o poema.

A Poesia e a poesia não são criação. São realidade e vivência. Porém o poema é criação, é um objeto a mais no mundo, uma realidade entre as realidades.

Mas a finalidade do poeta não é acrescentar objetos à natureza. O mundo não precisa nem de retratos que o repitam nem de ornamentos que o enfeitem.

O poema aparece, porque é necessário à existência do poeta. É por isso que Rilke diz que o único julgamento duma obra de arte está na sua origem.

Linguagem da poesia, o poema é mais do que uma expressão da poesia. É uma realização, uma forma de transformar em coisa o nosso amor pelas coisas.

O poema aparece como um medianeiro. Aparece ao lado da lacuna, que impede a união absoluta com a Poesia. É uma forma de tornar total o que estava incompleto.

Não podendo fundir totalmente a sua vida com a existência das coisas, o poeta cria um objeto em que as coisas lhe aparecem transformadas em existência sua.

Não podendo fundir-se com o mar e com o vento, cria um poema onde as palavras são simultaneamente palavras, mar e vento.

Não podendo atingir a união absoluta com a Realidade, o poeta faz o poema onde o seu ser e a Realidade estão indissolúvelmente unidos.

Por isso o poema é o selo da aliança do homem com as coisas. [7](#)

¹ Novalis diz: “A poesia é o autêntico real absoluto, mas a palavra absoluto dá à sua frase um sentido idealista que não adere”.

² É preciso aqui citar as palavras de Rimbaud: “J’ai une visionmerveilleuse”. E também as palavras de M. H. Vieira da Silva: “Os meus quadros têm sempre um ponto de partida real. É preciso não esquecer que o pintor se habita e olhar para as coisas e sabe realmente como elas são, enquanto que os não-pintores só veem por fórmulas”. O não-pintor, o não-poeta, vê por fórmulas e a sua visão é preconcebida e morta. A visão do poeta é original, limpa de intermediários, pura, viva e descobridora.

³ As traduções dos poemas de Hölderlin são de P. Quintela.

Sophia de Mello Breyner Andresen

*NOTA DOS ORGANIZADORES: Este texto foi publicado inicialmente na edição n.8, 1960, da Revista *Colóquio/Letras*.

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)



© António Pedro Ferreira

a homenageada

Sophia de Mello Breyner nasceu em 6 de novembro 1919 no Porto, onde passou a infância. Entre 1936 e 1939 estudou Filologia Clássica na Universidade de Lisboa. Publicou os primeiros versos em 1940, nos *Cadernos de Poesia*. Casada com Francisco Sousa Tavares, foi viver em Lisboa, onde participa ativamente na oposição ao Estado Novo e é eleita, depois do 25 de Abril, deputada à Assembleia Constituinte. Autora de uma extensa obra poética publicada entre 1944 e 1997, escreve também contos, histórias para crianças, artigos, ensaios e peças de teatro. Traduziu Eurípedes, Shakespeare, Claudel, Dante e, para o francês, alguns poetas portugueses. Recebeu entre outros, o Prémio Camões 1999, o Prémio Poesia Max Jacob 2001 e o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana. Foi a primeira vez que um português venceu este prestigiado galardão, que significa ainda a edição de uma antologia bilíngue (português-castelhano), o que levará a autora a um vastíssimo público que cobre os países latino-americanos. Com uma linguagem poética quase transparente e íntima, ao mesmo tempo ancorada nos antigos mitos clássicos, Sophia evoca nos seus versos os objetos, as coisas, os seres, os tempos, os mares, os dias. A sua obra, várias vezes premiada está traduzida em várias línguas. Sophia de Mello Breyner Andresen faleceu em 2 de julho de 2004, em Lisboa, e o seu corpo foi trasladado para o Panteão Nacional precisamente a 2 de julho de 2014, 10 anos após o seu falecimento. [7](#)

© Helder de Carvalho. Sophia de Mello Breyner Andresen
Desenho gráfico em vidro acrílico (Reprodução).



AQUELA MEMÓRIA
QUE VEM E FICA
OU UM RETRATO
EM PALAVRAS

Depoimentos sobre Sophia de Mello Breyner Andresen
HERBERTO HELDER • EDUARDO LOURENÇO • GASTÃO CRUZ •
MIGUEL SOUSA TAVARES

PARADISO, UM POUCO

•

Herberto Helder

Um pouco de paraiso, gemia eu, um instante apenas, um parêntese paradisíaco. Dias, semanas, meses de existência infernal. Ininterruptamente, em todos os lados. Agora era Coimbra, inferninho de merda. E eu: "uma cerveja no inferno"! E lá ia até às putas, ao Terreiro da Erva. Ou até aos parques e jardins. E nos belos parques e jardins punha-me a devorar os grandes livros de poesia. Li ou reli todos os autores portugueses legíveis. Que grande poesia tinha para ler entre os vivos de então? Só me lembro de Nemésio. E entretanto cumpria-se o ciclo das estações, os parques e jardins enchiam-se e esvaziavam-se de luxo botânico, o rio secava ou transbordava trazendo consigo laranjas gloriosamente redondas e amarelas.

Sophia na Grécia com a pintora Graça Morais, 1988.
Arquivo Biblioteca Nacional de Portugal (Reprodução)



Nalguns poemas de Nemésio essa Coimbra cíclica aparece com todos os prestígios dos nomes e números. Até as putas aparecem. Quanto ao idioma pátrio, julgava eu que tudo estava dito. E o dito em pátrio, tinha de aquilatá-lo pelo que já lera de outras terras outras gentes, milagres como *Le Spleen de Paris*, Rimbaud, Michaux, um pouco de Artaud, o Hölderlin e o Rilke via Quintela, alguma língua inglesa de Pound e Eliot, e os não muito amados por outros mas por mim amadíssimos poemas de D. H. Lawrence, e Espanha 25, e Brasil de Drummond e da *Invenção de Orfeu*. Não vou ser modesto: a derradeira cedência seria compatibilizar-me com os sistemas de gosto democráticos. Lúcida paixão – a paixão não produz a lucidez, não a produz ao menos na matéria da poesia? Confusões na cabeça? Nenhunas. Eu lera, criara os meus campos electromagnéticos, tinha o dom de ser percorrido por calafrios na espinha. Os poemas verdadeiros encontravam-me. E por isso Nemésio andava por ali. A regra em torno era a adolescente brotoeja presencista ou o neo-realejo *compagnon de route*. Universidades, nada. Fingi que entrara, mas só saía, saí dois ou três anos seguidos. E eis que de uma única vez arranjo tudo de Sophia. Vamos lá a ver como isto se entende com o abalo sísmico de Pessanha, Sá-Carneiro, Pessoa. É da prateleira dos livros medonhos que fazem estremecer? A conversa era outra, nada sulfurosa, nada fáustica, conversa de soberana gravidade. Que tinha ela na altura, Sophia? Agora vê-se que foi ganhando nobreza, transparente memória, Sophia-a-clássica, um tanto como se vê nas melhores traduções de Akhmátova, nas estrangeiras, que nas portuguesas não há nada para ver. A Sophia desse tempo não dispõe ainda das *Artes poéticas V*, os volumes são *Poesia*, *Dia do mar* e *Coral*, onde subterraneamente se desenvolvem impulsos obscuros, monstruosos, o caos, cá-óss, silvaria o padre Manuel Antunes, S. J. Estava eu ainda à espera de Ponge, Melo Neto, ou mesmo do grecismo imagista de H. D., Hilda Doolittle, (do imagismo: "tratamento directo da 'coisa'", "subjectiva ou objectiva", Pound, 1912). Era decerto a nostalgia grega, mais tarde foi visto as gentes atacadas pela nostalgia grega, queriam aportar à Grécia, queriam-no todos, mesmo turisticamente, ilhas, cabeças de deuses, "torsos arcaicos", luzes e linhas solares, enfim a apoteose apolínea. A ciência e inteligência de Sophia foi praticar – como Akhmátova e Mandelstam, ditos "acmeístas" (o ponto mais alto, pureza, perfeição) – uma arte que fornecesse, contendo em si a intensidade e o tremor instintivos, mas elidido o sujeito, a referência literal. Em registo estrito e imediato exemplifica-se a dignidade do mundo. O poema existe por si, é uma

forma impessoal que as mãos limpas arrancam à desordem para apresentar como ordem objectiva no meio das corrupções, inclusive as corrupções da nomeação. Fascina-me tamanho sonho, tão sobranceiramente natural, sonho irreduzível, é a prova do próprio mundo. Forçoso aceitá-lo, trata-se do concreto absoluto da percepção.

"Vê-se" o verso liso e homogéneo; o corpo do poema não apresenta nenhuma ferida ou cicatriz. É a excelência. E neste ponto confundem-se "mundo" e "verdade", ambos traduzidos como ética. Sabe-se agora que "ética" significa o rigor de escrever "estética". Não, não sucedia assim à época dos parques e terreiros, a época dos três primeiros livros, mas, um pouco afastadamente, via-se já para onde se dirigia aquela voz levantada no pequeno inferno onde eu circulava, apertado pela ruralidade das mentes estudantes, praxes, capas negras, "la merdre". Com certeza, ah sim, era com certeza um poderoso poema à sombra daquele outro poderoso poema que Paulo Quintela trouxera de uma Grécia mais peremptória do que a Grécia a que chamam clássica, o poema diurno onde Hölderlin formulara a unidade - e não por acaso adopta Sophia mais tarde, como denúncia e lamentação, o título "No tempo dividido" para um seu livro despedaçado. Quando ela pôde escrever que "os poemas eram (...) o nome deste mundo dito por ele próprio", chegou ao termo, ficou completa, e escutou-se então, e eu escutei já noutro sítio, noutro inferno qualquer, a voz clara: "A voz sobe os últimos degraus / Oíço a palavra alada impessoal / Que reconheço por não ser já minha." Valère Novarina diria: "Au plus profond de moi, la parole ne m'appartient pas." Fala-se de quê? Da visão religiosa, etymológico sensu, da "realidade" ou, se se quiser, e é indispensável que se queira, da mais urgente quimera que fundamenta a poesia. Em cada palavra salva-se a totalidade do espírito. Eu ouvi a voz aproximar-se do "centro do teatro, em Epidauro."

Sophia foi um dos exemplos maiores que me ajudaram a sobreviver no inferno da tóxica, da mortífera província cultural e humana, década 50, começos, 51, 52, à volta só parvoeira, impraticabilidade, prosa. Imagine-se: escapei intacto! Fica assente a quem o devo. Também a ela, sim, ela que, desde o princípio, mostrou que "as coisas têm (...) uma alma virgem" e que "através de todas as presenças" caminhava "para a unidade." Selah. *Relâmpago*, n. 9, out. 2001. [7](#)

UM RETRATO DE SOPHIA

•
Eduardo Lourenço

Olhares famosos fixaram deslumbrados a sua aparência, menos sedutora, em sentido vulgar, que também o era, do que silenciosamente irradiante na sua beleza. Outros não menos famosos, mas mais íntimos ou familiares da autora do *Dia do Mar*, deixaram-nos dela singulares retratos, não só da sua aparência mas da sua existência, desde cedo vivida com uma fulgurância que não passava despercebida. Assim a viram, diversamente fascinados pela sua incandescência ou assumida exceção, os seus amigos Torga, Agustina, o seu primo, testemunho da infância partilhada, Ruben A. Esses retratos só têm de comum o serem romanescamente retratos de alguém que uma vez conhecido se impunha como obsessão pessoal ou figura da utopia ficcional dos seus autores. É a este título, e não como meras "fotografias" de uma vida, que eles são interessantes. À espera de quem os reviseite ou até os descubra.

“DELGADA E FRÁGIL, NASCIA-LHE DA TESTA ALTA E ABERTA UM CABELO TENRO COMO UMA RELVA. OS OLHOS, MUITO AZUIS E DE UMA PUREZA DE ÁGUA, TINHAM QUALQUER COISA DA INOCÊNCIA DOS BICHOS. NA PELE FINA DO ROSTO, REDONDO E SUAVE, HAVIA UMA TRANSPARÊNCIA DE CERA. E AO MESMO TEMPO TODA ELA ERA MULHER, FEMININA E ATRAENTE COMO UMA LEIVA DE JARDIM.”



A "Sophia" de Torga é um dos principais personagens do seu único romance *Vindima*, de clássica feitura, romance que não goza da celebridade dos seus *Contos*, mas onde toda a sua mitologia teatralizada encontrou uma versão menos linear do que aquela que é costume atribuir-lhe. Em *Vindima* e como romancista, Torga concede aos seus personagens uma "liberdade" mais convincente, digamos um grau de imprevisto, que aos dos seus contos, figuras exemplares, de função simbólica ou mítica. Precisamente "Sophia" é nesse romance a musa do imprevisível, do incompreensível, menos pelo seu "mistério" feminino que pela sua vocação poética. Não por ser autora de poemas que lhe criaram uma aura mas por ser a Poesia mesma, alguém que habita o mundo de maneira original, "coração oposto ao mundo" (Pessoa), não só o dos grosseiros senhores do Douro de quem é hóspede, mas de todos os doutores Brunos, realistas, audazes, de "pés fincados no chão" para quem "Sophia" é menos um desafio que um enigma.

Na sua primeira aparição Catarina – Sophia – é já aquela criatura à parte, etérea, alheada, a futura "nereide" por Pascoaes invocada que de nada mais parece viver que do sonho que escolheu como seu anjo. "O prato dele estava repleto, gorduroso e odorento. E pôs-se, absurdamente, a comparar a realidade das iguarias com a espiritualidade que irradiava do rosto da rapariga. – Vivo quase com chá - desculpou-se Catarina. – Como não faço nada não gasto energias. Falava, e toda ela parecia erguer-se do chão numa ascese laica espontânea e natural, como o ímpeto de certas flores que, no alongamento excessivo da haste, fogem à condição da raiz. - E porque é que não trabalha? – perguntou o Dr. Bruno, a olhá-la como se a violasse."

A visão de Torga é a mais naturalista, como se podia prever. Mas é também a mais idealizante, na verdade, a mais amorosa que o seu naturalismo erótico alcançou e sublimou: "Delgada e frágil, nascia-lhe da testa alta e aberta um cabelo tenro como uma relva. Os olhos, muito azuis e de uma pureza de água, tinham qualquer coisa da inocência dos bichos. Na pele fina do rosto, redondo e suave, havia uma transparência de cera. E ao mesmo tempo toda ela era mulher, feminina e atraente como uma leiva de jardim."

Foi exactamente esta Sophia ainda juvenil, a de que tive notícia, não nestas páginas de *Vindima*, mas nas palavras do próprio Torga, visivelmente fascinado e "enamorado" de tão ideal Musa, que até em versos foi mais do que comumente se imagina. Como ele o tinha sido ou era ainda dela. Em *Vindima* Torga ofereceu-lhe, sem pouca ficção, os sonhos que a realidade não comportava. Na vida, não sei em que momento, idealizou, para ela, na mais transmontana tradição casamenteira, uma espécie de enlace utópico com um dos mais belos poetas do seu tempo, as núpcias ideais do masculino e do feminino. Contou-me que favoreceu até onde pôde o idílio improvável de Eugénio e Sophia... Seria o casamento do século.

Digo-o sem ironia. Mas os deuses são mais sábios que os humanos. Sem dúvida que ambos decidiram salvar do naufrágio sempre plausível da vida, a barca solar da Poesia. Aí se encontraram e se salvaram. [7](#)

Vence, 7 de julho de 2004.

O REAL DE SOPHIA, O REAL DA POESIA

•
Gastão Cruz

Tanto quanto consigo recordar-me, creio que vi, pela primeira vez, o nome de Sophia de Mello Breyner Andresen na *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes, que adquiri no meu sexto ano do liceu, ou seja, por volta de 1956 ou 1957. Penso que se tratava da primeira edição da obra, onde Sophia era referida, ao lado de Jorge de Sena, Ruy Cinatti, Eugénio de Andrade "e, mais recentemente, António Ramos Rosa", segundo lá se lia, como uma das últimas revelações poéticas. Mas só quando, em 1958, foi publicado *Mar Novo* tive o primeiro contacto com a sua poesia, ao mesmo tempo que António Ramos Rosa, então vivendo em Faro, me dava a conhecer

Fidelidade de Jorge de Sena, também de 58, e eu descobria o pequeno caderno *O Grito Claro*, do próprio Ramos Rosa, saído no mesmo ano.

Estas obras desempenharam um papel importante na minha formação, mostrando-me o caminho da modernidade poética, em três modos, tão diversos entre si, da sua possível concretização. Eram livros onde a poesia se expunha, no esplendor e na densidade do seu discurso tenso, essencial, sem sobras.

Mar Novo exibia, em cada página, essa capacidade enorme de concisão, de rigor, aliada à mestria com que cada palavra era colocada num contexto que a fazia irradiar sentido, ganhar relevo e força.

Logo o primeiro poema do livro era surpreendente: quatro versos, em que, como sucederia com frequência ao longo da sua obra, Sophia fazia coincidir uma arte poética com um programa ético de vida – "Perfeito é não quebrar/A imaginária linha // Exacta é a recusa/E puro é o nojo."

O gosto pelo poema curto marca também a sua poesia, harmonizando-se, por um lado, com o pendor às vezes fragmentário e, por outro, com o desejo de concentração, já referido, que a levou a criar, nomeadamente, alguns dos mais extraordinários dísticos da poesia portuguesa, como o justamente celebrado "Inscrição", de *Livro Sexto* – "Quando eu morrer voltarei para buscar/Os instantes que não vivi junto do mar" –, há poucos dias admiravelmente interpretado por Eduardo Prado Coelho, numa das suas crónicas diárias. Outro exemplo, um poema intitulado "Passagem": "O êxtase do ar e a palavra do vento/Povoaram de ti meu pensamento." Este modelo epigramático alarga-se, algumas vezes, a três versos, caso do famoso "O velho abutre", que Sophia gostava de recitar de cor, como aconteceu durante a visita que, em 2001, lhe fiz com o poeta brasileiro Eucanaã Ferraz ("um poema que eu escrevi sobre o Salazar", dizia): "O velho abutre é sábio e alisa as suas penas/A podridão lhe agrada e seus discursos/Têm o dom de tornar as almas mais pequenas."



© Fernando Lemos. Sophia de Mello Breyner Andresen

Aquela poderosa irradiação de sentido, aquela espécie de isolamento de cada palavra num contexto, em que está, todavia, firmemente inserida, assumem especial evidência num dos mais emblemáticos poemas de Sophia: "Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal". Em versos como "(...) Em breve a podridão/Beberá os teus olhos e os teus ossos" (note-se o efeito magnífico da assonância) ou "Porque eu amei como se fossem eternos/A glória, a luz e o brilho do teu ser,/Amei-te em verdade e transparência/E nem sequer me resta a tua ausência,/És um rosto de nojo e negação" (neste último verso, há que sublinhar o reforço da negatividade, obtido através da aliteração), cada palavra tem um "peso", como diria Carlos de Oliveira ("Rudes e breves as palavras pesam/mais do que as lajes ou a vida"), que é o da própria vida, ou maior que o da vida. Também Sophia disse falou, em *Arte Poética II*: "O verso é denso, tenso como um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tensos como arcos, exactamente vividos. O equilíbrio das palavras entre si é o equilíbrio dos momentos entre si." Ou, definido de outra maneira: "Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real."

Estão errados os que supõem que, em certo momento, a poesia teve de "voltar ao real". Nunca a poesia o abandonou. Quanto mais profunda a sua relação com ele, tanto maior a sua afirmação absoluta como poesia ("o autêntico real absoluto" de Novalis, epígrafe de uma colecção em que Sophia publicou alguns dos seus livros). Essa relação existe tanto em Sophia como em Herberto, tanto em Eugénio e Cesariny como em Fiama, Ruy Belo ou Luiza Neto Jorge. Só não existe certamente naqueles que se consideram realistas por caderno de encargos e supõem que a realidade é apenas o que está à curta distância que o seu olhar abarca. É bem diversa a lição que a obra de Sophia de Mello Breyner nos deixa. *Público*, 10/07/04 [7](#)

E ELA DANÇA

•

Miguel Sousa Tavares

Às vezes, quando a casa estava adormecida à noite, ela dançava pela sala fora, tal qual como escreveu ("bailarina fui mas nunca bailei"). Às vezes, convenciam-se que havia ladrões em casa e acordava-me do sono para espreitar debaixo da minha cama, e às vezes havia ladrões a sério, com cara de assassinos e crachá da PIDE, que chegavam pela alvorada do dia, mas verdadeiramente ela não tinha medo dos ladrões nem dos esbirros do "velho abutre": só tinha medo de fantasmas.

Naquela casa, aprendemos cedo duas coisas sobre a poesia. A primeira, era que os poetas eram todos uns personagens extraordinários, que apareciam a horas imprevistas e diziam coisas surpreendentes. De todos, o mais fantástico era o Ruy Cinatti, que nos convenceu que era o nosso irmão mais velho, regressado de outra vida em Timor e que esteve à beira de conseguir transformar-nos em guerrilheiros contra a precária disciplina familiar. Vinham e iam constantemente poetas tristes ou alegres, cerimoniosos ou tumultuosos e até um, o Ruy Belo, que me levava à Luz ver o Benfica e jogava futebol comigo no jardim.

A segunda coisa sobre poesia que aprendemos é que a poesia é para ser dita e para ser escutada: é oral, não cabe nos livros. Eu não sabia nada de aritmética, nem de botânica ou mineralogia mas, aos dez anos, já tinha aprendido, de ouvido, a recitar sonetos de Shakespeare em inglês do século XVI, ou o "Erl König", do Goethe, em alemão. E quando ela trouxe para casa um disco com poemas do Lorca recitados em espanhol pela Germaine Montero, ouvi-o tantas, tantas vezes, que fiquei a saber de cor o imenso "Llanto por Ignacio Sanchez Mejia". À mesa, entre a sopa e o prato principal, dentro de um automóvel a caminho do sul ou na missa das sete da tarde na Igreja da Graça, de



© Eduardo Gageiro Sophia de Mello Breyner Andresen

repente ela começava a recitar poesia com a mesma naturalidade com que os outros falavam de coisas triviais ou respondiam em latim ao "orate, frates!" do padre. Às vezes, naquele terror que as crianças têm que os pais pareçam estranhos em público, apetecia enfiarmo-nos pelo chão abaixo quando, à mesa de um café no Chiado, ou numa loja, em plenas compras de Natal, ou caminhando conosco pela rua de mãos dadas (por vezes, distraída, perdia-nos), ela começava a recitar poesia em voz alta, como se o mundo inteiro à sua volta lhe fosse de repente absolutamente alheio. Um dia, no eléctrico a caminho de casa, ela fixou-se num letreiro, por cima de uma janela, que rezava assim: "se alguma janela o incomoda, peça ao condutor que a feche." E então, no meio daquele silêncio envergonhado dos passageiros, que fingem não ver e não se ouvir uns aos outros, ecoou a voz dela, clara e silabada, recitando um poema: "se alguma janela o incomoda, peça ao condutor que a feche e que nunca mais a abra."

A mim, todavia, ensinou-me o mais importante de tudo: ensinou-me a olhar. Ensinou-me a olhar para as coisas e para as pessoas, ensinou-me a olhar para o tempo, para a noite, para as manhãs. Ensinou-me a abrir os olhos no mar, debaixo de água, para perceber a consistência das rochas, das algas, da areia, de cada gota de água. Ensinou-me a olhar longamente, eternamente, cada pedra da Piazza Navone, em Roma, sentados num café, escutando o silêncio da passagem do tempo. Fez-me mergulhador e viajante, ensinou-me que só o olhar não mente e que todo o real é verdadeiro. Quem ler com atenção, verá que esta é a moral que atravessa toda a sua escrita.

A outra lição decisiva foi a da liberdade. Não só a liberdade física, não só a liberdade na luta pela justiça, "num sítio tão imperfeito como o mundo", mas ainda a liberdade na busca de um caminho próprio onde as coisas tenham uma ética e façam sentido e, acima de tudo, a liberdade da nossa própria solidão. Prémios, condecorações, homenagens, são-lhe de tal forma alheios que ninguém mais o entende. Deem-lhe, sim, silêncio e tempo, manhãs como a "manhã da praça de Lagos" e noites com "jardins invadidos de luar". E ela dançará. Ao longo das sílabas dos poemas, como dançava na minha infância.
Público de 11/06/1999

“APESAR DAS RUÍNAS E DA MORTE,
ONDE SEMPRE ACABOU CADA ILUSÃO,
A FORÇA DOS MEUS SONHOS É TÃO FORTE,
QUE DE TUDO RENASCE A EXALTAÇÃO
E NUNCA AS MINHAS MÃOS FICAM VAZIAS.”

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *POESIA* (1945)

FINITUDE E TRANSCENDÊNCIA NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN



Por Alexandre Bonafim Felizardo

Na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, a morte tornou-se um cerne pulsante pelo qual a poesia, o real e a paixão foram exaltados como forças vitais de extrema necessidade à existência humana. Da consciência da precariedade da vida, nasce para a escritora de *Dia do mar*, o fecundo louvor pelo existente, pela carnadura sensível das coisas, pelo vigor de se ter um corpo latejante.

Como sabemos, a morte é um fenômeno impossível de ser totalmente abarcado pela compreensão. Paradoxalmente, os poetas buscarão justamente definir esse silêncio pela palavra, dizer o incomunicável. Daí toda expressão textual que intenta vasculhar, iluminar a morte fundar-se em uma linguagem altamente simbólica, metafórica.

Conforme Maurice Blanchot (1987), todo ato de escrita é um desvendar da morte. Se morrer é uma anti-experiência, a alteridade impossível de ser transposta pelo pensamento racional (JASPERS, 1973, p. 128), a literatura permite-nos, pelo onirismo, sondar esse liame do indizível, essa fronteira sem limites. De acordo com Júlio de

Queiroz, o mito e a religião são formas de enfrentamento ao nada e à finitude:

[...] o acontecimento temível para a mente do ser humano – aquele inquieto símio sem pêlos – eram a falta de movimentação e o apodrecer do morto ao seu lado. O animismo, os mitos e as religiões são alguns dos programas que a mente desenvolveu para explicar essa falta de movimentação e o desfazer-se de um corpo. (QUEIROZ, 2008, p. 98)

Além do mito e da religião, poderíamos também incluir a arte como forma de elaboração desse silêncio, dessa impossível realidade da morte. Ida Ferreira Alves, em estudo sobre outro poeta português, Ruy Belo, traz-nos importantes informações sobre as intrincadas relações entre finitude e poesia. De acordo com a autora, em relação à morte, a linguagem humana torna-se inoperante, “pois enquanto falamos dela não a experimentamos. A morte seria o sentido absoluto, o indizível. A poesia é, então, um especial discurso mortal, porque figurando e ficcionalizando essa experiência total de ausência, consegue fazer ver sua presença em abismo” (ALVES in DUARTE, 2008, p. 249).

No poema de Sophia intitulado “Estranha noite”, a ficcionalização da morte, dramatização lírica de tal fatalidade, é transfigurada pela palavra poética, tornando a “indesejada das gentes” um ser vivo, pulsante, capaz de dançar. Nesse texto, o espaço sombrio, noturno, abre suas sendas para uma personagem que é a própria morte. Ela dança, corpórea, viva, como um ser altamente concreto e palpável. Vejamos como isso se dá no poema:

Estranha noite velada
Sem estrelas e sem lua.
Em cuja bruma recua
Fantasma de si mesma cada imagem

Jaz em ruínas a paisagem,
A dissolução habita cada linha.
Enorme, lenta e vaga
A noite ferozmente apaga
Tudo quanto eu era e quanto eu tinha

E mais silenciosa do que um lago,
Sobre a agonia desse mundo vago,
A morte dança
E em seu redor tudo recua
Sem força e sem esperança.

Tudo o que era certo se dissolve;
O mar e a praia tudo se resolve
Na mesma solidão eterna e nua.

(ANDRESEN, 2001, p.117)

A noite, índice metafórico da morte, apaga tudo ao redor, reduzindo o espaço ao nada, ao vazio. A paisagem, assim, consumida pelas trevas, torna-se ruína, oquidão. No cerne desse espaço caótico, dissolvido, irrompe a imagem rara e estranha da morte como uma bailarina a dançar no cerne do caos. Ao redor desse bailado, tudo se distancia, tudo se perde, se esboroa. Ao fim, tudo o que existe se finda “Na mesma solidão eterna e nua”.

A solidão, a eternidade e a nudez servem como imagens simbólicas, para dar significação ao vazio da morte. Dessa forma, a morte nos leva a uma solidão absoluta, perpétua, pela qual nossa essência mais pura, mais verdadeira, expressa-se em plenitude. Com efeito, a poeta delinea, com engenho, a dimensão intraduzível, vivência pessoalíssima e intransferível de nossa finitude. Assim, morrer torna-se uma experiência da solidão mais aguda, pois não temos o dom de comunicar ao outro tal situação.

A poesia, portanto, torna-se uma elaboração simbólica da morte, uma forma de captar esse momento de nulidade, transformando-o em arte. Confrontar nossa condição trágica pela poesia é, portanto, uma experiência fundamental para o homem, pois através da palavra ele consegue atenuar sua angústia, o medo da dissolução.

A estudiosa da obra de Ruy Belo situará a poesia que tematiza a morte no intrincado jogo de forças entre Eros e Tânatos. Assim, conforme a autora, tal escritura lírica reside no “permanente embate entre a pulsão de vida e a pulsão de morte”. Com efeito, “nesse embate permanente que a arte manifesta, está a razão da escrita poética que é exatamente um exercício do irreconciliável, uma tentativa sempre

malograda de se aproximar 'por imagens' do indizível" (ALVES in DUARTE, 2008, p.251).

A destruição fatal de tudo o que existe faz parte da condição física do cosmos. A matéria transmuta-se perpetuamente em um ciclo infundável, no qual o perecer desfaz o existente. Portanto, faz parte da lógica da matéria o findar das coisas e seres. Afirma Karl Jaspers: "Tudo chega a um fim: não apenas o que eu sou e o que os outros são, mas também a humanidade e tudo quanto ela produz e realiza. Tudo mergulhará no esquecimento, como se jamais tivesse existido" (JASPERS, 1973, p.129).

Consciente desse completo vazio, Sophia transforma tal experiência em arte:

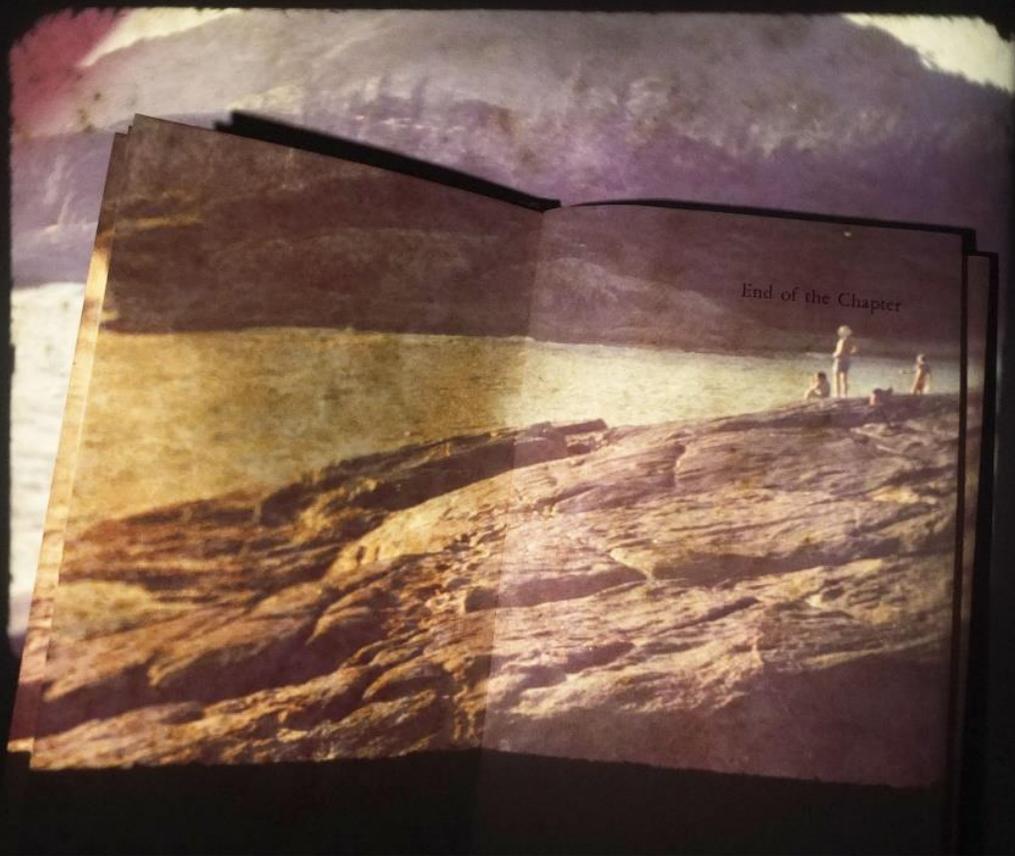
No ponto onde o silêncio e a solidão
Se cruzam com a noite e com o frio,
Esperei como quem espera em vão,
Tão nítido e preciso era o vazio.
(ANDRESEN, 2001, p. 75)

O vazio desponta no espaço como uma condição maciça, concreta. Esse paradoxo anunciado pela desolação do eu lírico (ele se confronta com o silêncio, a solidão, a noite e o frio), faz com que todo o visível, todo o mundo palpável sejam esboroados pela longa, infinita espera. Dessa forma, o nada, índice da morte, da finitude, imiscui-se no existente, ampliando a consciência dos limites do eu lírico.

Sophia, portanto, tem consciência dessa morte voraz, cósmica, capaz de dissolver tudo no mais completo e contundente silêncio. Tal perspectiva torna-se também emblemática em outro poema da autora, "Horizonte vazio". Nesse texto, novamente a existência de tudo, tal como pudemos observar também em "Estranha noite", se torna vácuo, imenso e absoluto nada:

Horizonte vazio em que nada resta
Dessa fabulosa festa
Que um dia te iluminou.

As tuas linhas outrora foram fundas e vastas,
Mas hoje estão vazias e gastas



© Rebeca Rasel

E foi o meu desejo que as gastou.

Era do pinhal verde que descia
A noite bailando em silenciosos passos,
E naquele pedaço de mar ao longe ardia
O chamamento infinito dos espaços.

Nos areais cantava a claridade,
E cada pinheiro continha
No irreprimível subir de sua linha
A explicação de toda a heroicidade.

Horizonte vazio, esqueleto do meu sonho.
Árvore morta, sem fruto,
Em teu redor deponho
A solidão, o caos e o luto.
(ANDRESEN, 2001, p.143)

Com efeito, tal horizonte vazio, ruína de ruínas, insurge-se como uma abertura do nada na plenitude do concreto. Uma antítese atroz vergasta as imagens: no tudo está o nada. A manifestação de Eros, expressa no terceiro verso da segunda estrofe, manifesta a vida em sua pulsão mais aguda, explicitando outro paradoxo: é o desejo, vida

plena, que desfaz o existir. De tanto vivermos, de existirmos intensamente, vigorosamente pelo desejo, as coisas se desfazem, esboroam ao nosso redor. A vida surge aqui como um eco em direção à finitude.

Entretanto, é da natureza do homem a busca do perene, da perpetuação de sua existência, mesmo que tal feito seja vão. Assim, “não deixa de ter sentido a sede de eternidade. Existe algo em nós que não se pode crer suscetível de destruição” (JASPERS, 1973, p.129). Se por um lado, a “existência só desperta quando o existente é sacudido pela idéia da morte”, por outro essa mesma existência “se revela a si mesma na certeza da eternidade” (JASPERS, 1973, p. 133). Daí nasce a suprema liberdade do homem, conforme aponta o filósofo Karl Jaspers: “Somos mortais enquanto natureza, imortais quando dados a nós mesmos em nossa liberdade” (1973, p. 133). O filósofo português Pedro Sinde afirma essa mesma esperança da transcendência:

O homem [...] está além da morte e a certeza disso vem-lhe apenas disto: a consciência que tem da morte. Se o homem estivesse inteiramente mergulhado na vida, como os animais e as plantas parecem estar, sobretudo estas últimas, então, não poderia pensar num além da vida, quer dizer, esse pensamento nem seria possível, porque não existiria para si. Se ele tem a possibilidade de pensar no além da vida, é porque algo em si está nesse além. Não poderia ter a idéia do efêmero se uma parte sua não conhecesse o eterno. O efêmero só lhe é patente enquanto tal pelo contraste com o eterno que também, de algum modo, tem em si. Esta capacidade maravilhosa é um sinal vivo da esperança (SINDE, 2008, p.72-73)

Sophia revelará esse mito da busca do eterno em diversos poemas. Assim, a epifania do tempo congelado, condensado e resgatado da efemeridade surge como conforto e apaziguamento ante a angústia do existir. Destacamos alguns versos, em que tal feito é emblemático: “É esta a hora em que o tempo é abolido/ E nem sequer conheço a minha face” (ANDRESEN, 2001, p. 88”; “Que a vida há de passar, sem que ela passe/ Do fundo dos meus olhos onde está gravada” (ANDRESEN, 2001, p. 16). Com efeito, em tais versos o tempo estanca

seu fluxo, para que se aflore o êxtase da voz lírica, seu arrebatamento perante o mundo sensível.

Essa esperança no eterno, fruto de nossa finitude, abre-nos, por outro lado, para a perspectiva de uma comunhão com os que se foram. Conforme Dastur (2002, p. 26): “O que há de contrário à natureza na existência humana é precisamente que ela não se constitui uma vida absolutamente viva, mas uma vida que inclui em si a relação com o mundo dos mortos”. Seja pelas pompas fúnebres, imprescindíveis como ritos de passagem da vida à morte, seja pela busca do sagrado ou da religiosidade como ideários pelos quais amenizamos a falta dos entes queridos, o convívio com o invisível é também de nossa natureza. As presenças se desfazem e o que era completude torna-se nada, oquidão, vazio. Entretanto, como nos demonstra Jaspers (1972, p.129), “A morte do ser que me é mais caro, a privação de sua presença física, o sofrimento infindável que brota do ‘nunca mais’ pode, tanto quanto os momentos sublimes, transformar-se em consciência de presença”. Essa consciência de presença, nascida da própria ausência, dá-se pela força plástica da poesia, pela qual se presentifica aquilo que Drummond tão sabiamente intitulou “a falta que ama”.

Tal perspectiva fica-nos clara, no seguinte poema de Sophia:

SINTO OS MORTOS

Sinto os mortos no frio das violetas
E nesse grande vago que há na lua.

A terra fatalmente é um fantasma
Ela que toda a morte em si embala.

Sei que canto à beira de um silêncio,
Sei que bailo ao redor da suspensão,
E possuo em redor da impossessão.

Sei que passo ao redor dos mortos mudos
E sei que trago em mim a minha morte.

Mas perdi meu ser em tanto seres,
Tantas vezes morri a minha vida,
Tantas vezes beijei os meus fantasmas,





Tantas vezes não soube dos meus actos,
Que a morte será simples como ir
Do interior da casa para a rua.
(ANDRESEN, 2001, p. 65)

Poema notável, aqui podemos perceber o quanto a morte está centrada, enraizada no cerne da própria vida. Nesse texto, observamos, portanto, essa “consciência da presença” apontada por Jaspers. Primeiramente o eu lírico vaga ao redor dos mortos, perscruta-os. Dessa forma, ele pressente a presença dos ausentes nos objetos sensíveis (violetas) e na natureza (lua). Daí nasce uma fecunda, caudalosa consciência da caducidade da condição humana: “E sei que trago em mim a minha morte”. Tanto é assim, que a terra, em sua grandeza concreta, torna-se um fantasma. A lírica de Sophia, conforme temos notado até agora, desmaterializa o palpável, confirmando a força derrelidora da finitude.

Os dois últimos versos formam um símile de grande força plástica e metafórica: morrer é radicalmente simples, como ir da casa para a rua. Eis, aqui, a noção aguda da brevidade da morte e também da vida.

Nesse sentido, como podemos notar nesse último texto, a poeta sente não somente a dor inerente ao existir humano, mas estoicamente capta também o sofrimento dos que não mais existem. Há, portanto, na lírica de Sophia, aquele não deixar os mortos morrerem, de que nos fala a filósofa espanhola Maria Zambrano: “Levei [...] os meus mortos sobre mim, sentindo o seu peso, esse torpor de seu novo estado; retive-os enquanto não podiam partir” (p.143), “Sumiam-se em mim quando ficavam sem corpo. E padecia eu as suas dores indizíveis, as que não tinham tido nome” (p.142). Há, nesse monólogo poético de Zambrano, à maneira nietzschiana, uma verdadeira compaixão pelos mortos e, mais além, uma compaixão irrestrita pelos condenados a serem humanos e, portanto, mortais. Tal compaixão irriga também a lírica de Sophia e a faz poeta atenta ao fluxo do tempo, à impermanência do existir.

Daí a noção da morte também como rito preparatório, simbólico, nessa nossa viagem do nada para o nada, de um silêncio, o do nascimento, rumo a outro, o da morte. Em vida, portanto, experimentamos mortes sucessivas, ritos de passagem para o grande final do existir.

Sobretudo em um poema intitulado “Se todo o ser”, tal perspectiva da morte como um rito cotidiano, dissolução simbólica em vida para renascermos mais plenos para a existência, irrompe como gesto engrandecedor de nossa humanidade:

Se todo o ser ao vento abandonamos
E sem medo nem dó nos destruímos,
Se morremos em tudo o que sentimos
E podemos cantar, é porque estamos
Nus, em sangue, embalando a própria dor
Em frente às madrugadas do amor.
Quando a manhã brilhar refluiremos
E a alma beberá esse esplendor
Prometido nas formas que perdemos.
(ANDRESEN, 2001, p. 59)

O ato de contemplar, tanto as madrugadas de amor quanto o esplendor das formas da manhã, irrompe como gesto capaz de modificar a voz lírica em sua profunda constituição espiritual. Dessa morte nasce o canto como salvação do existir. Com efeito, nesse poema reconhecemos o desejo de perenidade pela escrita, metaforizada pelo canto. Cantar desnuda-nos diante do mundo, diante da dor de sermos tão contingentes.

Em outro poema, Sophia esboça também essa mesma ideia de esvanecimento da vida em tudo o quanto existe, nos mínimos fragmentos do real:

FLORESTA

Entre o terror e a noite caminhei
Não em redor das coisas mas subindo
Através do calor das suas veias
Não em redor das coisas mas morrendo
Transfigurada em tudo quanto amei.

Entre o luar e a sombra caminhei:
Era ali a minha alma, cada flor
– cega, secreta e doce como estrelas –
Quando a tocava nela me tornei.





E as árvores abriram os seus ramos
Os seus ramos enormes e convexos
E no estranho brilhar dos seus reflexos
Oscilavam sinais, quebrados ecos
Que no silêncio fantástico beijei.
(ANDRESEN, 2001, p. 132)

Nesse texto, a autora resgata novamente a noção de morte espargida pelas frestas do real. O que nos ressalta de novo aqui é a questão da finitude como metamorfose. O eu lírico morre para ser o cosmos. Essa cosmicização da morte funciona como outro rito, outro gesto simbólico capaz de enfrentar o nada e instituir a permanência da vida, mesmo que no silêncio da natureza.

Outro mito lírico para o enfrentamento do nada é a perenidade do eu lírico, capaz de regressar ao mundo físico dos vivos e empreender determinados gestos instauradores da vida:

UM DIA

Um dia mortos, gastos voltaremos
A viver livres como os animais
E mesmo tão cansados floriremos
Irmãos vivos do mar e dos pinhais.

O vento levará os mil cansaços
Dos gestos agitados, irrealis
E há-de voltar aos nossos membros lassos
A leve rapidez dos animais.

Só então poderemos caminhar
Através do mistério que se embala
No verde dos pinhais, na voz do mar
E em nós germinará a sua falta.
(ANDRESEN, 2001, p. 125)

A leidez dos animais assaltará, enfim, os mortos redivivos e, enfim, o eu lírico poderá novamente florir seu fecundo arrebatamento pelo real. O real surge como uma paixão irrefreada, extraordinária, daí o olhar ser, com toda a certeza, a sensação privilegiada por Sophia. Tal regresso ao mundo sensível, movido pelo grande amor ao mundo,

também está explicitado no seguinte poema de uma concisão aguda:

Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto ao mar.

Sophia, assim, pela palavra, soube confrontar a morte e o nada, confiando toda sua vida a uma ontologia lírica, pela qual a crença absoluta no fazer poético seria capaz de salvar o homem de sua finitude. Para a poeta portuguesa, a palavra nunca perdeu seu caráter sacro. Pela sacralidade do verbo, ela confrontou suas angústias e medos.

Como nos salienta Maurice Blanchot: “Escrever muda-nos. Não escrevemos segundo o que somos; somos segundo o que escrevemos” (BLANCHOT, 1987, p.86). A poeta, assim, seguindo esse preceito do escritor de *A parte do fogo*, soube ser com extrema devoção a sua escrita. Com efeito, Sophia viveu sua poesia, conforme as palavras de Denis Leandro Francisco:

[...] sua escrita silenciosa será seu único modo de assimilação da morte, será seu modo tão particular de morrer, pois que o sujeito que escreve é precisamente aquele que possui consciência da finitude, aquele que estabelece uma ‘relação antecipada com a morte’. (FRANCISCO in: DUARTE, 2008, 120).

Em importante estudo, António Manuel dos Santos Cunha, salienta-nos que, para Sophia, a poesia, no confronto com a morte, torna-se, por outro lado, uma vitória contra a efemeridade. Assim, para a poeta, escrever é salvar-se da morte:

[...] em entrevista a José Carlos de Vasconcelos a autora refere que a criação poética representa para ela “um projecto de vida, uma busca, uma tentativa de encontrar uma relação, a relação verdadeira, de inteira verdade e transparência, com a vida: a salvação. Também no prefácio ao livro *As sombras de Olinda* de Heleno de Oliveira [...], Sophia escreve: “Mas qual é o poeta – crente ou descrente – que na

poesia não busca a salvação da alma? Essa é a sua integridade.” (CUNHA, 2004, p. 34-35)

Entretanto, tal integridade não se dá sem luta, sem embate. Gagnebin (1994, p.61) expressa tal conflito entre o aceitar a morte e a luta contra a finitude: “A escrita descreve o trabalho do tempo e da morte, mas ao dizê-lo, luta igualmente contra ele”. Dessa maneira, “Busca-se pela escrita, algum sentido em meio às coisas que caem, que se perdem, em meio ao tempo que se esfacela e tudo dispersa”. A dor, assim, “torna-se um valor afirmativo” (FRANCISCO in: DUARTE, 2008, 125), pois é dela que se extrai a arte e a força criadora como fontes de alento à vida, como um bálsamo ante o sofrimento da finitude. De acordo com João Barrento, a literatura “cria espaços em que a dor é, não excluída, não travestizada nem espectralizada, mas serenamente convocada” (BARRENTO, 2002, p.81).

Enfim, dos confrontos com a dor da finitude, a poeta enfim, extraiu arrebatado êxtase, o êxtase da escritura poética, capaz de transfigurar a fragilidade em arroubo. Em “Tristão e Isolda” os amantes rolam no abandono para fazer da morte uma presença extasiada:

Rolando de abandono em abandono,
Traziam em si suspensa
Indizivelmente a presença
Extasiante da morte.
(ANDRESEN, 2001, p.108)

Da finitude, enfim, a poeta soube celebrar a transcendência através de sua escritura viva, plena, em que o desvelar do sagrado fez-se “carne viva em pleno espírito”.

Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello. *Obra poética* (poesia completa único volume). Lisboa: Caminho, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DUARTE, Lélia Parreira. (org.). *De Orfeu e de Perséfone: Morte e literatura*. Cotia: Ateliê editorial; Belo Horizonte: Puc Minas, 2008.
- JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1973.
- QUEIROZ, Júlio de. *Morrer para principiantes e repetentes*. Florianópolis: UFSC, 2008.

POEMAS



Ricardo Escudeiro

Santo André– SP

É autor do livro de poemas *tempo espaço re tratos* (Editora Patuá, 2014). Graduado em Letras na USP. Possui publicações nas revistas *mallarmargens*, *SAMIZDAT*, *Solettras* (Moçambique), no site da Revista *CULT*. Em 2013 juntou-se ao Coletivo Tantas Letras, de São Bernardo do Campo, onde publica poemas no *Zine Lapada Poética*.

na ribeirinha dum latifúndio

ah mia senhor fremosa
aqui donde piso
por vontade tua

jamais por própria
clamaram estribilhos
soltos

com a sola do joelho
que de mim outra postura
a ti não agrada
canto em tom imposto
cantigas de desamor
sobre ti
sobre mim
sobre os meus

deserdeiros
chamaram de novo
os estribilhos outros

a eles ensino a sina
olha filho
daqui até donde a vista pisa
nada é teu
é tudo engenho

e do lado
se de pai ou de filho ou de ninguém
ninguém sabe
mais de uma voz em levante
canta pro arame manto
farpado jamais idealizado

amor não te devo
tampouco algum teu me encanta

Bianca Coggiola

São Paulo– SP

Nasceu em São Paulo em 25/03/1988 e já morou em Curitiba, Buenos Aires e Santa Barbara, Califórnia, EUA. Estudou Filosofia na FFLCH-USP. Foi finalista de alguns concursos de poesia e atualmente prepara um primeiro volume, que deverá se chamar Lições de Moderação. Tem poemas publicados em revistas eletrônicas e em alguns outros projetos impressos independentes. Atualmente, trabalha como tradutora e também como colaboradora do Epicentro Cultural. Publica inéditos em indoutro.com.

ex-libris

por tua culpa pensava em tigres
sonhei com raposas, ardentes
cujos dentes livres e íngremes
mascavam a Ásia, a estante
num logaritmo. o animal cativo e doente
nesse grande porão das culturas
enjaulado na nau enjoada
de açúcar e páginas, imaginadas
num labirinto. nativo e descrente
no desejo carnívoro das leituras
com o catálogo das marés ao lado
a carne ela mesma distante
encarnada num ingrato astrolábio

A anatomia barroca desses delírios
oca em suas formas, cheia de suspiros
são lírios mortos de ouro e tédios.

Ao tato alheios e imanes os desejos
lágrimas de todos os mil Tejos
na impaciência do requinte, transluzente,
no mundo aberto e na boca dos poetas
que contorna suas curvas e teoria
cheia de martírios estetas.

A seriedade desses assédios
é fosca, sem razão ou vontade,
é a matéria pura de nadas áureos
colunas, arquiteturas, estátuas
adágios mortificantes e fundas
raízes mistificantes em cada ato.

Mas o assalto, é fato, é beato.

minto que tenho asas
e que o terreno da memória
me é indiferente. voam rentes
as alvoradas imaginárias
lembram-se de ter ficado nuas
de ter vestido algo antes
sabem que não voltam
à ponte à avenida
ao mausoléu da distância
ou à mesmíssima lembrança
que as inventa. torcidos
os motes e os motivos
os abecedários, falidos
resta pouco ao cabeçalho. respira
insistente na retina
ainda uma mentira:
os próprios moldes dos objetos
traem-se. caem, feridas
montanhas e epopeias
até mesmo os edifícios
e o lema do amanhã, que,
distráido, nunca terminava
de projetar-se sobre o dia
abotoar-se na camisa
chacoalhar-se entre as chaves
calçar-se no espírito
camada sob camada
e ao final, desfigurada
a lama própria da vida
soterrada entre ruídos
poluída de manias, refletida
só no mais perfeito nada.

Stefano Calgaro
Santana de Parnaíba – SP

Nasceu em Porto Alegre (RS). Vive desde pequeno em São Paulo, onde é estudante de cinema.

Ó pra lá, os mais amigos,
em nenhum círculo chegava
ou *chegava a*/os teus pés,
deixando batido e longo
esta bela vista das gentes
se amontoando e compondo
aquela usina que Stravinsky
chamou de movimento em
sinfonia, molas de prata
ao ventilador elétrico,
como em Clouzot,
jogo de quadris,
onde você canta àquelas imagens
que não param de se
reproduzir, dançar com elas,
te atirando ao bunquer, *solo*.
Ó pra lá, um dia há de chegar
pelo correio tuas caixas,
enquanto elas se movimentam
pelo atlântico, você estático
conversando, diz, bem aqui,
agora, meu amor, é pena,
as estrelas não nos darão ouvidos:
esta rua barulhenta
não andaré jamais.

codificar signos tem se mostrado débil
,rubens, olha esta ilhota
ou este muro que não se escala,
grafa sem saber que a ponta do lápis
ama seus grifos. sua ex-namorada
é dona de todos seus animais.
você não devia ter tatuado
quem te indicou às cadeias
de montanhas que recortam
o céu. mesmo assim
a tua pele já faz parte das cadeias.
o lápis que é teu dedo
marca todas as sombras
que te ficam sujas na testa.
você tem se tornado
num animal irreconhecível
aos seus amigos.
montado nos lábios, esse cigarro
não guardará o tempo
nesses pulmões que
,não adianta,
nunca serão dela.
amanhã, só haverá cinzas
nas cadeias e as cadeias.
tente formar as cadeias
,rubens, estão gravando
seu nome nas cadeias.



Sasquatch ó belo cézar
 é como tu entras
gongo e belo pardo
galgo na beira do lago
longe de amar
 minhas curvas
que se reforçam
e se reproduzem à noite
 quando me encurvo
ligando brasas
 onde olhos de lume
te ligam?
 Eu voltarei ao dia
de onde saí à te ver no lago
baile polca *as revoltas*
de baby blues
jovem
quando coloco
à disfarces na noite
como a noite à vaga-lumes
 de mascaras
 eu volto
e você fica

Lúmen

compara lamina com lamina
esse amor mede os espaços
essa luz mede os vazios e a
distância do coração ao crânio
do crânio aos pés dos pés ao
coração que não se faz definir
Nem chegar à conclusão

Lúmpen

de quem manda em quem
quem fez esta sombra dura?
(ou) quem vai definir as distâncias
ou quem foi que disse que disse
que este corpo não abraça o asfalto?
Quem foi longe demais e agora compara
durezas desse azul que te puxa e que poderia
Ser o mar ou o torvelinho mas é o céu o céu assustador de Pierrô:
Dezesseis por nove:
Ulysses ulula





I

Indiscreto movendo esta sala
aos pés e arrastos
indiscreto

II

gostaria de entrar no rio
com meu corpo galalau e nu
mas coisinhas me grudam
sentimentais com adestramento químico

III

aquela relva que se
põe correndo ao ouvir
o ar do vento como os cardumes
e os cardumes de
aves

IV

constantemente
sinto uns estalinhos
atrás da
nuca.

Suzy Freitas
Manaus – AM

Publicou poemas em zines alternativos de Manaus e online.

Mão com esfera refletindo

eu bato na porta da minha cabeça.
alguém atende e não sou eu.
eles conversam, sentam;
“o tempo é agora”. eu sou meu
meu tráfego confuso, carrossel
de sombras no asfalto.
noutra porta essa coisa:
“preste bastante atenção. você po
de perder algo”.
para onde eles estão indo?
cada vez é fundo!
cada vez é dentro!
dentro do pote triste, sobre o azulejo.
tem alguém dentro de mim que eu não vejo.
tem alguém dentro de mim que eu sou reflexo.

Um jogo bem divertido

ele aprendeu a jogar –
palavras sinceras num tabuleiro
traíçoeiro.
delas quase sempre se pode sentir o gosto
e sei que o gosto é o plano ataque
na jugular.
ele sugere bem ele é um tormento veiculado num outdoor
em suma um gato lento e sedutor
cujos pelos demandam carinhos
a quatro mãos
quatro olhos
e todas as fendas imagináveis
da quimera que arquitetou para si.
ele aprendeu a jogar
um jogo bem divertido –
perigo.

Na viagem

mapas dançam
sob turbulências e lanches comidos.
a vida posta atrás da vida
voa
ao som de fusos perdidos.
a vida em busca da vida
ecoa
cambaleante em ares estrangeiros.
ali sou uma estranha
na terra das possibilidades.
a noite assusta como nenhuma outra
pois todos os olhares são para
o traço de distinção dentro de mim.
não daqui
não daqui.

Guilherme Dearo

São Paulo – SP

25 anos, paulistano. Formado em Jornalismo pela ECA-USP, é editor-assistente de Exame.com, portal da Revista *Exame*. Na área de literatura, já publicou um poema pelo Prêmio Poetize 2013 (publicação em livro), pelo coletivo Mundo Mundano (livro coletivo em 2010), nos jornais universitários da ECA e um conto na revista *piauí* (concurso, 2008). Seu primeiro livro de poesia foi publicado pela Editora Giostri, *Dois Hipóteses para um acontecimento*. Como dramaturgo, já teve dois textos encenados durante as Satyrianas, o festival de teatro d'Os Satyros.

terrain vague.

por aqui passaram muitas mãos e alguns pés

apertaram cá, e ali também
roçaram neste lado
até o outro lado
encostaram e repousaram
nesta ponta e naquela outra
e chuparam e sorveram
por entre essa fresta
até os fundos

viveu

vivia cheio

alimentaram-no
ensinaram-no
prenderam-no
enganaram-no
beijaram-no
meteram-no
queimaram-no
cortaram-no
empurraram-no
socaram-no
consolaram-no
amaram-no
esqueceram-no

há essa poeira acumulada
e claro, algumas janelas quebradas:
foi quando já ficou sem uso
e não tinha quem o quisesse
então sabia que a hora havia chegado
e podia ficar em silêncio

agora veja todo o espaço
possível para sua construção
está reto, está plano





não será preciso escavar:
foi limado de todas as inconsistências
e contradições e os caminhões
de terra foram despejar
tudo lá no fim do rio
que já foi embora.

aqui, onde vê essa enxada abandonada
foi quando conseguiu o seu primeiro emprego
e logo adiante quando se demitiu
e foi demitido
e morreu
e morreu de novo, vendo o dia lá fora passar

ali, atrás da grama alta que já não cortam
é possível ver que ele amou muito
e foi amado em menor medida
enquanto ali, naquele muro, veja,
essas pichações, ele expurgava
os seus demônios

esta lâmpada quebrada
aqui ao lado deste meio toco de lápis
amarelo 2b e dessa bola furada
até que combina bem com o portão
enferrujado rangendo e o
cachorro de não sei quem latindo

mas, sim, é muito poético
agora às cinco e quarenta da tarde
esse vento de inverno
junto desse sol laranja
e do horizonte de arranha-céus
do fim da rua

veja como ele reluz
e como ele passa e sopra

estão dizendo: não esqueçamos.

O sexto dia

Vi a abelha se contorcendo
no chão do quintal
torta, rolando, se debatendo de costas

agachei, onde não podia ouvi-la
mas sabia que sofria
e decidi que poderia acabar
com aquele sofrimento:
posso acabar com seu sofrimento, abelha, eu disse

então levantei e pisei
em silêncio, devagar – adeus
leve toque até ouvir
seu exoesqueleto se rompendo

Mas ela continuou viva
e se debatia
e de nada adiantara
ela continuava a sofrer
graças a mim.

E depois a cachorra maior veio-me
com seus grandes olhos negros
e agachei e passei-lhe a mão na cabeça
enquanto ela abanava o rabo e roçava o corpo
E fiquei todo o tempo, ali, fazendo nada
não tinha motivo, só passava, por passar
não devo-lhe nada, estou livre
ela não me representa nenhuma força
posso lhe fazer o que bem entender
posso lhe bater e matar

mas não quero
e continuei a lhe passar a mão na cabeça.

E Nietzsche em seus últimos dias
viu o cocheiro judiando do cavalo
açoitando-lhe impiedosamente
e correu até ele e lhe abraçou, o cavalo

abraçou e começou a chorar
não sabemos por que
mas continuou a chorar.

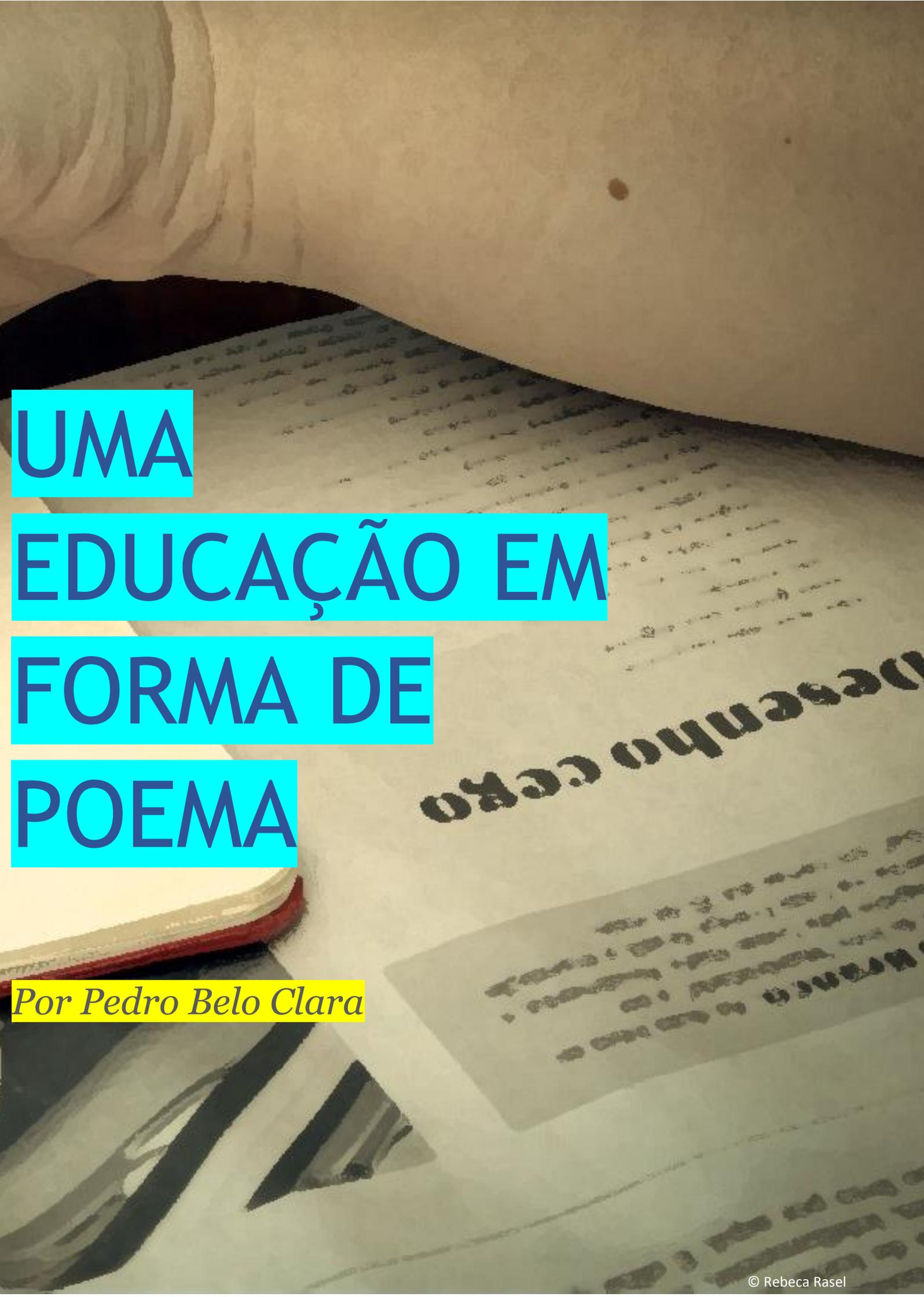
E no Gênese está escrito que o homem
foi criado por Deus
para reinar
sobre os pássaros, os peixes e os animais.

E antes de dormir a criatura parou
contemplou a escuridão
e rezou
rezou, pediu muito, amedrontada
para não ser sacrificada
disse que aguentava seu sofrimento.

Depois fechou os olhos
ficou de costas para o chão
e de longe parecia se debater.

ENTREMEIO



The background of the image is a close-up, slightly blurred photograph of an open notebook. The pages are filled with handwritten text in dark ink. A pen is visible in the lower-left corner, resting on the page. The lighting is warm and soft, creating a sense of depth and texture. The text on the pages is mostly illegible due to the blur and angle, but some words like "desenho" and "desenho" are visible.

UMA EDUCAÇÃO EM FORMA DE POEMA

Por Pedro Belo Clara

A expressão, adaptada, que serve de epígrafe a estas linhas, é da autoria de Antoine de Saint-Exupéry, e foi pela primeira vez exposta na obra *Cidadela*.

Provavelmente mais profunda do que uma primeira análise permitirá antever, serve de base à construção de toda uma nova ideia que à figura do poeta diz respeito, bem como aos seus supostos deveres e perímetros de actuação. Nunca Sophia de Mello Breyner Andresen a terá utilizado. Entre lusitanos, apenas o poeta Ruy Belo, ainda que por motivos claramente distintos, a elegeu como inscrição do seu primeiro livro de poesia, *Aquele Grande Rio Eufrates*, publicado em 1961. Mas, de certo modo, constitui o mote perfeito para um dos aspectos mais vincados da temática da autora que nesta edição justamente se homenageia.

É um facto indiscutível: os poetas sempre se colocaram à frente do tempo em que viveram. Não por mero pretensiosismo ou arrogante altivez, mas por simplesmente se assumirem como raios de luz num mundo imerso em densas trevas. Sendo fiéis a si próprios, não raras vezes sentiram a álgida ignomínia que as mentes limitadas reservam às personalidades por elas prontamente proscritas. Pois os poetas desbravam caminhos, ditam direcções e rumos, elaboram sonhos que nem entre suspiros as gentes da época se atrevem a sonhar. Um poeta será sempre um vanguardista.

Tornar-se-á agora claro este possível entendimento da expressão de Saint-Exupéry. Afinal, por quantas vezes não serviu um poema de modelo a seguir? Por quantas vezes não instigou ele novas reflexões? A mera ideia da educação do Homem e da sociedade em redor de um poema brota do imaginário mais utópico como uma reconfortante fantasia. Porém, que sentido teriam essas supostas quimeras se não instigassem noutras mentes, com suas promessas, o sonho? Nessa bonança esperançosa surge o que de mais humano pode advir da própria convivência do Homem com o seu semelhante: a oferta de um ideal, de um sentimento, de uma visão.

*

É neste ponto que se consegue descortinar o papel de Sophia enquanto escritora (e indivíduo, claro está, uma vez que tais facetas são naturalmente indissociáveis). Recusando desde logo a velha máxima de “arte pela arte”, tão cara aos adeptos do Parnasianismo (que conheceu o seu máximo expoente, em Portugal, na poesia de Cesário Verde e, no Brasil, em Olavo Bilac), Sophia sublinhou incessantemente a importância da poesia e do poeta na sociedade. Para a autora, ambos deviam servir como um meio para a obtenção da liberdade e da dignidade do ser que encarna a frágil e efémera condição humana.

Este carácter ético e moral da poesia, traduzido numa busca pela verdade, pela harmonia e pela justiça, é assim um dos aspectos mais destacados de toda a sua obra, como anteriormente foi referido. Afinal, um poeta sempre detém um papel preponderante nos destinos do Homem: através do seu inspirado trabalho ganha a possibilidade de influenciar positivamente o carácter e a existência de todo aquele que o ler. Sophia acreditava piamente em tal premissa. E a sua decisão em intervir socialmente, com recurso ao perfume das palavras mais inspiradas, foi apenas uma forma de justificar tão profunda crença.

Nascida na cidade do Porto, em Novembro de 1919, Sophia cresceu no seio de uma família abastada. De origem dinamarquesa, por parte de seu pai, era descendente, do lado materno, de condes oriundos de nobrezas proeminentes. Contudo, é notório que a sua pertença, por nascimento, a linhagens de maior riqueza material em nada lhe toldou o discernimento consciencioso ou desviou a atenção das realidades menos prósperas do seu país. Sophia compreendeu e definiu com

clareza e esmero o seu papel como poetiza (e não só), defendendo-o com brio e rigor até ao fim dos seus dias.

É perfeitamente natural que tamanha inspiração não tenha surgido de súbito, fruto de uma qualquer coincidência. Em muitos casos, intentos tais só se consolidam após anos e anos de maturação poética. Neste caso, não seria necessário tanto. Ainda que o seu primeiro livro, publicado em 1944, se expurgasse de tais desígnios, era já possível antever, graças ao poema “As fontes”, as linhas com que se teceria esse pensamento, consolidado, posteriormente, numa convicção plena de força e determinação, onde “se cumpre todo o seu ser”:

Irei até às fontes onde mora
A plenitude, o límpido esplendor
Que me foi prometido em cada hora

Anos depois, em 1947, o poema “Um dia”, do livro *Dia do Mar*, vem completar as primeiras intenções da poetisa, majestosamente representadas na simples imagem de um retorno, de uma purificação final do Homem após milénios de corrupções existenciais:

Um dia, mortos, gastos, voltaremos
A viver livres como os animais
E mesmo tão casados floriremos
Irmãos vivos do mar e dos pinhais.

Como se compreende, Sophia transmite o seu desejo de pureza, o mesmo que a irá aproximar de muitos aspectos trabalhados por Eugénio de Andrade, outro grande nome da poesia portuguesa. É, assim, legítimo afirmar que desse seu desejo de expurgo e consequente pureza, quase castidade, surge a expressa necessidade de intervir socialmente, como que se pela palavra o Homem pudesse permanecer desperto para os seus destinos e para a importância das suas escolhas. Optando por um rumo distinto, será inevitável esse reencontro com o primordial. Ou, evocando o imaginário cristão, o retorno à “inocência perdida”.

Um poema publicado em 1954, em *No Tempo Dividido*, reafirma que a intenção não permaneceu olvidada nas dobras do tempo, mas tão viva quanto a palavra que pela primeira vez a manifestou. É natural que a sua sede de alvura (e aqui diverge Sophia de Eugénio) traduza

somente uma transformação que a autora sentia ser urgente no Homem, um passo, apenas (mas ainda assim expressamente necessário), rumo à próxima etapa evolutiva. A evolução, contudo, traduz-se num despojo, já que o retorno ao primordial significa apenas o despojo de todas as capas, vícios e máscaras, onde de novo o Homem se funde com a própria natureza, adquirindo os traços e as virtudes dos elementos que são, no fundo, os seus irmãos de ancestral direito:

Eu falo da primeira liberdade
Do primeiro dia que era mar e luz
Dança, brisa, ramagens e segredos

Esse tempo primordial é igualmente o tempo da primeira liberdade, como no excerto anterior se depreende. Tudo era puro e perfeito, sem «vestígio de impureza», um «puro espaço» e uma «lúcida unidade» em harmónica convivência no natural desenrolar de um tempo que, por si só, encontra «a própria liberdade» (poema “Liberdade”, *Mar Novo*, 1958). O alvo surge, assim, definível e mais translúcido do que nunca. Restava fazer de cada poema uma seta que, em hábil lançamento, incessantemente o visasse.

É claro que Sophia viveu um tempo marcante sob o ponto de vista social e político, onde a tomada de consciência por parte de cada cidadão revelava-se um acto deveras fundamental. A época assumia contornos repressivos: instaurara-se uma atmosfera de medo, calúnia, renúncia e podridão. Era o período do Estado Novo (1933-1974), quando a expressão fascista se manifestou em Portugal no seu máximo esplendor. Com um olhar arguto, Sophia retratou na perfeição do essencial as teias que compunham o enredo daqueles negros anos (“Este é o tempo”, 1958):

Este é o tempo
Da selva mais obscura
(...)
Esta é a noite
Densa de chacais
Pesada de amargura

Este é o tempo em que os homens renunciavam.

Note-se aqui como as referências ao desejo de alvura, à pureza de todas as coisas, seja por vias implícitas ou explícitas, se reerguem: o tempo, por simplesmente ser denso de negrume, onde o Homem oprime o Homem, adquire contornos impuros, o que somente instiga, de modo passivo, a busca, interna e externa, do seu contrário.

No topo da colina daqueles anos de ditadura, regendo os acontecimentos e ditando leis do seu Olimpo governamental, eis um chefe de estado que igualmente mereceu um poema sarcástico (e corajoso, diga-se), totalmente revelador do clima reinante e das pérfidas intenções daqueles que amordaçavam os que mais suspiravam por um estridente grito de revolta (*O velho abutre*, 1962):

O velho abutre é sábio e alisa as suas penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas

No fundo, Sophia parecia assumir o desejo de encontrar uma resposta válida e de postura positiva em relação às inquietações de Hölderlin. O famoso poeta alemão deixara, muitos anos antes, a questão em suspenso: «para quê poetas em tempos de indigência?». E Sophia, de profundas convicções sociais e poéticas, encontrou em cada poema esculpido um motivo que justificasse a suprema função dessa figura de proa: o poeta.

É claro que tal trabalho não se cumpre sem o assombro das negras nuvens da dúvida, insegurança e frustração. É deveras complexo remar contra uma corrente instaurada e fazer da insurreição, aclamada em prol de um ideal tido por superior, uma bandeira de mudança. Ainda assim, a esperança nunca perdeu o seu lugar. E o poema *Ressurgiremos*, de 1962, é a prova de que a mesma urgia em ser reafirmada:

Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos
E em Delphos centro do mundo
Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta



É interessante verificar como Sophia idealiza esse renascimento (sempre presente, sempre almejado) no berço de toda a filosofia de renome: a Grécia. Os motivos clássicos de expressão grega sempre foram merecendo, de forma inequívoca, a preferência da autora, e o poema atrás referido apenas vem sublinhar essa clara tendência. O reerguer de uma nação e de um povo, ao acontecer, ganharia um profundo significado, quem sabe se ainda mais válido, se se sucedesse num palco onde outrora tantas virtudes haviam despontado. Uma espécie de vaticínio ou de sadio prenúncio, portanto.

Como se constata, o canto não cessou. Nem nunca poderia cessar. Enquanto subsistisse a mínima manifestação de injustiça numa

sociedade, ele detinha o seu direito e lugar. Basta reevocar a digna missão de um poeta. Afinal, esse canto é o «justo irmão das coisas», um canto «para todos» e «por todos entendido» (*Musa*, 1962). E Sophia perdurá-lo-ia.

Os tempos instigam as ações de índole reformadora. Perante abissais obstáculos, proveitosas soluções devem ser encontradas. Obviamente, o período ditatorial vivido por Sophia apenas contribuiu para o incremento da sua nobre convicção, tornando-se a mesma, a convicção, num claro e nobre exemplo para os membros das gerações futuras. De certa forma, ainda que a democracia impere na esmagadora maioria dos países do mundo, os tempos modernos continuam a necessitar de vozes sábias com coragem de assumir o seu íntimo tom. A evolução é contínua... E até alcançarmos os “tempos de pureza” idealizados pela autora, muitas etapas ainda aguardam a sua resolução e conquista. Mas importa que nunca se olvidem os motivos de tamanha empresa, mesmo que os mais aterradores fantasmas conspirem a nossa capitulação:

Por um país de pedra e vento duro
Por um país de luz perfeita e clara
Pelo negro da terra e pelo branco do muro
(...)
E pelos rostos iguais ao sol e ao vento

Assim escreveu Sophia no poema “Pátria”, também de 1962. Constituiu, portanto, um reafirmar da sua crença e o conseqüente sublinhar da urgência em derrubar o que de tão nefasto subsistia. Um povo jamais se poderá auto-denominar “livre” num país onde «quem ousa lutar é destruído» (“Pranto pelo dia de hoje”), nessa pátria «perdida por silêncio e por renúncia» (“Exílio”) onde cada vez mais se adensava «o tempo que mata quem o denuncia», o sempre implacável «tempo de escravidão» (“Data”). Ora, é precisamente no auge de tais tendências que o esforço de quem ousa plantar a liberdade deve ser impreterivelmente superior. Se, por um lado, Sophia permite o abatimento do seu ânimo perante o proliferar do negrume da época, o adensar de tais tiranias, por outro, somente a instigará a justificar cada vez mais a missão que decidira levar a cabo. Principalmente em nome dos emudecidos ecos dos Homens que, no silêncio da noite, davam voz aos seus íntimos lamentos:

Esta gente (...)
(...)
Faz renascer meu gosto
De luta e de combate
Contra o abutre e a cobra
O porco e o milhafre

O poema denomina-se “Geografia” e o ano era o de 1967. Afinal, a esperança por um amanhecer mais luminoso jamais poderia desfalecer. O poeta Manuel Alegre, na década em questão, escreveria: «Há sempre alguém que resiste / Há sempre alguém que diz não» (*Trovas do vento que passa*). Eis, assim, o máximo patamar de toda a resistência, necessariamente comum a todos aqueles que se lhe queriam juntar. Ainda que, como Sophia deixaria antever em *Caminho*, se tenha de conviver com certas evidências cruas e, por isso, dolorosas: «Na marcha pelo deserto eu sabia / Que alguns morreriam». Mas, tendo em vista o resultado final, esse era um risco que de muito bom grado (embora não de ânimo leve) se aceitaria.

Tendo em consideração todas as circunstâncias daqueles tempos, não se estranha as belíssimas linhas do famoso poema “Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo”, onde «tudo nos quebra e emudece», «nos mente e nos separa». Como poderia haver espaço para essa tão sublime força em eras de submissão? Mas se não fosse o amor aquilo que é nada de proveitoso, por certo, teria sido conquistado... Pois ele mesmo se assume como um raio de luz no seio da mais negra das noites. Neste caso em concreto, direccionado para o nosso semelhante, a nobre causa de toda a obstinada (e pacífica) contenda: «o meu interior é uma atenção voltada para fora» (“Poema”).

Embora a época se adornasse das características que, de modo sumário, foram anteriormente descritas, com a morte de Salazar e a ascensão de Marcello Caetano ao poder a esperança, por breves momentos, timidamente renasceu em Portugal. A famosa “Primavera Marcelista” revelar-se-ia, contudo, uma enorme desilusão para todos os que exigiam a instauração de um regime democrático no país. Ainda assim, abriria caminho à tão ansiada revolução que, em 1974, ditaria o extinção do estado ditatorial. Mas, até que esse dia pudesse nascer, seriam seguidas as mesmas linhas turvas que tanta opressão semeavam. Assim, Sophia sentiu a necessidade de relembrar a maior



© António Pedro Ferreira

das figuras do imaginário literário português, ele próprio um símbolo da nação à época tão atormentada: Luís Vaz de Camões. «Este país te mata lentamente», aclamava a poetiza, num claro sinal de denúncia. «País que tu chamaste e não responde / País que tu nomeias e não nasce»: eis os versos que de modo tão claro e simples, como sempre fora seu apanágio, revelavam a crescente decadência de um país cada vez mais afastado da sua nobre identidade (“Camões e a tença”, 1972).

Apesar de tudo, importava sublinhar a necessidade de afoitar a esperança no coração dos Homens, por mais tenebrosas que fossem as perspectivas do amanhã. Nunca se poderá prever o dia em que a mudança se instalará, em que os anseios de quem tanto empreende por uma melhoria na sua realidade mundana se justificarão, enfim. Será esse o desejado tempo onde o grande objectivo, a grande

conquista, então se alcançará na sublime «paz sem vencedor e sem vencidos».

Essa «paz», obtida nas mais puras fontes, a «verdade» e a «justiça», uma «paz» que, no fundo, também se designa por «liberdade», é quase o derradeiro estágio de toda a evolução humana, especialmente no que toca à íntima relação com o próximo (“A paz sem vencedor e sem vencidos”, *Dual*, 1972). Em suma, o alvo que a seta que o poema é pretende auxiliar a conquistar. Mas também o tempo detém os seus efeitos e virtudes... E toda a resistência seria, por fim, recompensada. Na alba do dia mais esperado, Sophia escreveria o poema que em epígrafe resgatou a data do crucial evento, *25 de Abril*:

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

É óbvio que um acontecimento assim tão esperado e importante só poderia contribuir para a produção de outros poemas, trabalhos que registariam os cantos de todas as vozes que em unísono celebravam o fim da opressão do regime. Era o «puro início», aquele «tempo novo» absolutamente desprovido de «mancha» ou «vício», uma majestosa «página em branco» onde «o poema emerge» (“Revolução”, 1974). A mudança, assim, não só traduz a irreversível morte do antigo como também a exigente construção do novo. Mais do que nunca, era tempo de traçar novos rumos e direcções:

Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda
Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo
Pois é preciso que o povo regresse do seu longo exílio
E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade

Note-se como ao tempo «da verdade» Sophia sempre anexa referências que remetem os leitores ao seu desejo de pureza, de unidade, de primordial: inicial, inteiro, limpo. Ambas as ideias surgem sempre de mãos entrelaçadas. Por isso, para que tal seja efectivamente uma realidade e não apenas uma onírica intenção, jamais manifestada, importa que a verdade seja assumida e erguida como bandeira que aclama uma nova era. Só assim será possível construir «a festa do terrestre» na «nudez de alegria que nos veste»

(*Nesta hora*, 1974). Seguindo essa linha de pensamento, é natural assistir à expressa revolta da poetiza quando confrontada com entidades usurpadores de tamanho bem encarnado num veículo que se quer do mesmo jeito, intencional e puro (*Com fúria e raiva*, 1974):

Com fúria e raiva acuso o demagogo
E o seu capitalismo de palavras

É igualmente neste período que Sophia é eleita deputada pelo Partido Socialista à Assembleia Constituinte, um natural desenvolvimento de uma missão socialmente intervencionista que perdurará ao longo dos anos vindouros, embora de uma forma cada vez menos vincada. Em 1975, no poema *Lagos II*, de *O Nome das Coisas*, adverte para a necessidade de se não perder toda a valência conquistada num passado à época bem recente: «Ou poderemos Abril ter perdido / O dia inicial inteiro e limpo / Que habitou nosso tempo mais concreto?». Sophia, como se depreende, sempre acompanhou a evolução dos tempos, perseverando por neles, à sua própria maneira, deixar impresso aquele que seria o seu humilde contributo.

Pensar em Sophia de Mello Breyner Andresen é evocar o extraordinário trabalho de uma das mais notáveis poetizas portuguesas de sempre. Laureada com diversos prémios, desde o Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores (1964) ao Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana (2003), foi a primeira mulher portuguesa a receber, em 1999, o Prémio Camões. Para muitos, ter-lhe-á faltado o Nobel. Mas por certo Sophia não alimentou o queixume originado pela injusta não atribuição de um mero prémio literário. Ainda para mais, com a certeza de que a sua missão primeira foi sobejamente cumprida. Basta, para confirmar tal evidência, viajar ao longo do imenso legado que a poetiza nos deixou, iluminado símbolo do não-conformismo e da luta por ideais superiores.

«No quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida» – escreveu, um dia, a autora. E foi efectivamente nele que se encontrou e dele fez extrapolar a sua mais íntima convicção. Essa tendência ética e cívica, tão notável quanto louvável, não só fez de Sophia aquilo que para a eternidade literária será a sua essência como também sobejamente incrementou a destacada importância do poema. Ou não fosse ele a imortalização

do seu canto, sempre limpo e justo, a sua forma de primar pelo positivismo e de contribuir com significativas reformas, aplicáveis ao Homem e à sociedade que o envolve. Definitivamente, cumpriu-se uma idónea educação. Em forma de poema, claro está.

Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo.

POEMAS



Alexandre Guarnieri

Rio de Janeiro – RJ

Poeta e historiador da arte. Atualmente pertence ao corpo editorial da revista eletrônica *Mallarmargens* e integra (desde 2012), com o artista plástico, músico, ator e poeta, Alexandre Dacosta, o espetáculo mutante [versos alexandrinos]. *Casa das Máquinas* (Editora da Palavra, 2011) é seu livro de estreia. Publicou poemas em revistas e jornais, dentre eles o *Panorama da Palavra*, *Urbana*, *O Carioca*, *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *dEsEnrEdoS*, *RelevO*, *Eutomia*, *Zunái*, *Musa Rara*, *Acrobata* e *Germina*. Em 2014, participou das antologias *Essas águas* (Org. Vagner Muniz, 2014), *Hiperconexões: realidade expandida, volume 2* (poemas sobre o pós-humano; Org. Luiz Bras, Patuá) e *Outras ruminções: 75 poetas e a poesia de Donizete Galvão* (Org. Reynaldo Damazio, Ruy Proença e Tarso de Melo, Dobra). Seu mais recente livro, *Corpo de Festim* (Confraria do Vento, 2015).

[| a pele |]

homem-bomba vestindo roupa de escafandrista, seu *neoprene* pressurizado capta estímulos, e por entre pelos mínimos, válvulas regulatórias fazem-na suar ou ressecar, contra as condições do *habitat* (algo se interpõe aos poros, ou impermeabiliza as fibras); seus sensores de calor, vigiados de uma sala de controle, enquanto é mantida viva, (hidratado adequadamente cada intrincado recanto) como a máxima peça, de uma alfaiataria das mais complexas: seria tão errado reduzi-la ao tato, costurando ao tecido apenas um dos cinco sentidos?

(| o crânio humano |)

compósito ósseo por sobre cujos orifícios inteiramente desobstruídos encaixam-se os módulos dos olhos, narinas, da boca, e ouvidos; a tampa de louça calcinada pelo couro, (marfim fissurado sob cabelo) um trono ocupa o topo desta cúpula / uma armadura de juntas, parcialmente recoberta por ranhuras em cruz, pelas quais, de sua furna interna (o antro intracraniano), escapam-lhe tantos juízos – como se fugissem pássaros deste receptáculo craquelado; lacrado sob a caixa manchada do crânio humano, jaz, moldado aos miolos, à forma de uma noz que alucina e racionaliza, o gerador unigênito – razão pela qual congelam o cérebro de um gênio –, de cada inédita *eureka*, e de todas as ideias velhas, de séculos, de décadas, guardadas em antiquíssimas bibliotecas; sob o palato, escondida, esteve a língua, quase retilínea (um único músculo, infatigável, modulou todos os dialetos), a dentição se encaixava, cobrindo-a, esta fila de lanças fincadas, abaixo das maxilas, e na base da mandíbula.

pílula

mergulha goela adentro a miniatura duma ogiva,
atravessada pela arcada dentária, o mínimo submarino
ingerível pela gelosia das gengivas, luta o ácido
dessa remessa medicinal contra o refluxo do esôfago,
porque administrado via oral, o único remédio necessário
é essa mínima bomba química cuja engenharia
da reação em cadeia buscaria atingir certos tecidos,
alvos de registros específicos (um nódulo, pústula
ou o cancro n'algum recanto) entretanto, enquanto
(exponencialmente) progride esta ou aquela epidemia,
hordas de mamíferos humanos aportam às farmácias
como insanos, mas *homo sapiens*, são espécimes adultos,
cuja mais completa farmacopeia não ocorre,
não há em todos os estoques (que logo se esgotam
nas prateleiras da indústria farmacêutica) algo que
resolva o medo a náusea o mal-estar da civilização
à época da reprodutibilidade técnica de doenças genéticas,
vendidas conforme qualquer outro mercado se regula
(malogra o lucro se não há juro, já não há jura
quando a demanda se dana) até que se descubra
que o veneno e o antídoto (a fartura / a carestia),
a doença e a cura, indissociáveis siamesas,
são partes da mesma mistura.

/ limitrofagia /

ainda que ande muito / não percorrerá o mundo
se atravessa a ponte / abdica de um dos lados
se cala / não declara a vontade
mesmo que fale / não esgota o assunto
que infrinja a lei / será posto entre muros
se espalma o punho / não há muito
explana os braços / não voará no vazio

vive, mas entre limites / se livre, não é para sempre
quando alcança a outra margem | retroage \
se realiza o máximo fica | e se reafirma
se não fixa (desloca / reage) abandona a cidade
ficar / fugir falar / calar (ação ou ócio)
sobre poucas coisas se têm escolha
morrer / viver (sempre ou nunca) ontem / hoje
algumas outras | só dobram os homens



o sono / a preguiça

essa sonolência desalenta o epitélio
(inexato, ausente ou quase cego);
parte do tato adormece, inapto, da
triste anestesia que mescla um
abandono à resistência; ainda que
recordações insistam, não fixem,
ao contrário, como peixes de aquário,
raros, apenas fluem sem que o olho
escolha um só brilho entre outros signos,
vácuo sem foco, entre o sono e o ato
de flagrar-se assíduo em qualquer
que seja o raciocínio; largar-se ao ócio
de um limbo sem equilíbrio, mero exercício
de algum desígnio entregue à lentidão
da trajetória entre o agora e o daqui
a *muito* *muito* *muito* pouco.

Nathan Matos Magalhães

Fortaleza – CE

Divide-se entre as tarefas acadêmicas e o trabalho com edição dos periódicos *Pechisbeque* e *Substância*, o blog literário LiteraturaBr e a editora Substância.

feito areia
maré insidiosa
esfacelo as palavras
que tentam
ultrapassar
o tempo
da consciência



[grão]

eu quis
e nesse querer me desfiz
virei onda
grão
universo

José de Paiva Rebouças

Mossoró – RN

Nasceu em Mossoró, em 1982, onde vive atualmente, mas foi criado em Apodi. Formado em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), atua na área desde 2002. É editor da Revista *Cruviana*, caderno virtual de contos e organizador do livro *Cruviana* (Sarau das Letras, 2013). Em 2014 publicou sua primeira coletânea de crônicas intitulada: *Da Amizade Sincera de um Urubu*. Vencedor do Prêmio Scortecci, seu primeiro livro de poesia foi *Catálogo maçante das coisas comuns*.

* Os poemas aqui publicados integram o novo livro do poeta, *Ópera antiinstrumental ao vazio homérico da cidade*

sonata sentimental sobre a cara geral dos edifícios

i

escondido no meio das castas, pequenos castelos ocultam segredos. há seiva e toque, o néctar do tempo destemperando o barro. a cidade é uma menina, estranha e só, vagando dentro de si pelos pés humanos.

as paredes ganham novas formas, mas está nos prédios que se metem aos meios, a ríspida história deixada pelos nossos ais. aqui nesta casa já morou meu pai e o pai do meu pai. aqui, muitos pais moraram, mas somente eu sobrevivi para contá-lo.

as portas sombrias já tiveram tinta e as fachadas eiras e beiras onde hoje dormem os passarinhos.

ii

o calçamento português expõe em seus crânios vidrentos as sombras que não passarão.
nem os passarinhos.

lastros esbranquiçados rompendo as ruas e impedindo a vida das ervas, como
fez com as almas que lhe pisaram um dia. delas, só as sombras se mantêm intactas
manchando as paredes ou habitando as estátuas onde as meninas descalças expõem
seus pensamentos.

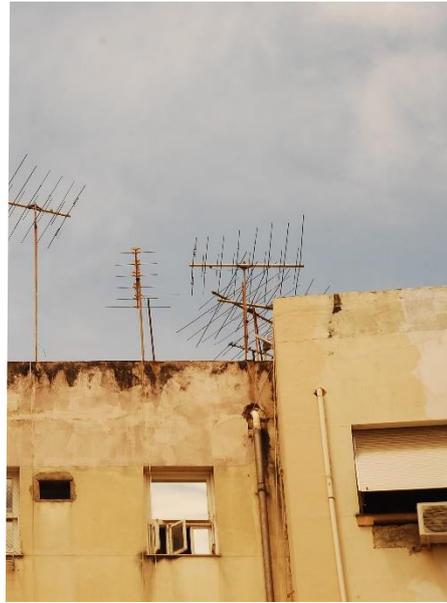
iii

as panelas do velho mercado reluzem tanto quanto o calçamento, mas também reluzem as bacias de cores distintas, diversificando a solidez daquelas cores todas.

há caras tão sérias que nem parecem de gente,
como se gente tivesse outra cara.

é fato que não tem, não além daquela velha expressão atônita e agonizada de quem finge ter se acostumado com o mundo.

a voz da criança sibila aos ouvidos como anjos caídos,
mas o tempo é curto para a animalidade e, logo, a criança é mais um civilizado de cara amarrada no batente do mercado.



iv

cada igreja que se ergue nas brechas desta cidade santifica os impuros na hora da missa.

mas até as igrejas viram frestas nesta escuridão.

pecam as igrejas por desejarem os prédios que de vidraças refratam a luz do sol,

batendo nas portas e no calçamento.

o mesmo sol de quando o homem andava a cavalo guardando a praia das embarcações.

não havia pressa naquele tempo.

agora, com tudo perto,

é nas igrejas que os homens vão buscar aquilo que não têm.

v

se toda a solidão das tardes quentes se ultrapassou, imagine o trem abandonado pela própria máquina. as peças agigantadas, aquela velocidade toda a trinta por hora. tudo isso se perdeu no internato. fizeram-nos trens menores e ampliaram os trilhos. há tantos trilhos quanto casas, tantos trilhos quanto gente.

os trens, que dantes possuíam em seu íntimo a engenhosidade maquinal do homem, tornou-se muitos e agora paira sobre os edifícios.

não há espaço para trens onde maquinam qualquer mercado, incluindo os livros, estes inoperantes instrumentos que nascem em rios e descem as ladeiras onde antes só o trem gemia.

Rodrigo Della Santina

São Paulo – SP

É poeta e escritor, autor de dois livros de poesia (*ntertrigem*, de 2005, e *O limiar do surto*, de 2008, respectivamente pelas editoras CBJE e Scortecci) e de um e-book de mini-narrativas intitulado *A cor da chuva*. Faz colaborações em blogs pela internet e teve três de seus trabalhos (“Num Café”, “A visita” e “A carta”) publicados, respectivamente, na *Benfazeja*, no *Letras in.verso e re.verso* e na *Flaubert*.

A biblioteca de Alexandria
(Dos antepassados)

A chama consome a ponta do Papel...

O Tempo não é mais um deus.

Monocromo

Deita sobre uma flor o meu orgulho.
Mancha-a meu desespero

No percurso
uma dor

A angústia de não ser.

Cores

Verde e azul
Lá fora
Manchas vermelhas
Ornam a obra

Aqui dentro
Cor de chumbo
Debulha a vaidade

Douglas Siqueira

São Paulo – SP

É bacharel em Comunicação Social com habilitação em Midialogia pela Universidade Estadual de Campinas. Escreve roteiros para cinema, contos e poesias. Idealizador e escritor do projeto (autor ensandecido) desde 2013. Sócio-diretor da Superviver Produções Artísticas, atua também na área audiovisual como diretor e editor de curtas-metragens, videoclipes e videopoesias.

Parte de nuvem

Sobre a minha cabeça,
as nuvens
que passam, passam e passam,..
e nunca param...

Tão leves assim,
carregam com elas alguma,
qualquer, lembrança?

Pois se carregam,
é quando escurecem que se lembram,
e quando desabam.

Sob os meus pés,
já transfiguradas,
correm, correm e correm,..
e nunca param...

...

Parte de nuvem,
sujeito sem chão,
eu sofro de asas cortadas
em meus dilúvios.



Tua falta

Eu sinto a tua falta mais,
não é quando vais embora, ao longe,
mas é quando estás aqui, comigo.
Carrego mais saudades de ti
quando ris, diante de mim,
e eu me cubro todo com o teu sorriso.
É quando nos teus olhos de céu,
já sem chão, flutuando,
vejo-me imerso, refletido e protegido.
É quando os toques já não bastam,
e é sempre uma falta, uma carência.
Mas não, não é ausência.
É o tanto de presença.
Encanto e convergência.
É quando o corpo mente e sente
como se a minha alma teimasse em encostar na tua,
mas nunca conseguisse realmente...

Regresso

A maioria das pessoas me comove sem querer.
Sinto-me em sintonia com o que é simples.
O moderno tecnológico me é sintomático, sintético.
Eu sou um regresso! (ou será o contrário?)
E nesse mundo novo, mundo-software,
em que posso controlar a direção do vento,
(veia e sangue virtual)
o tipo de pincel, a força das pinceladas,
a mistura doce das cores,
(números, +, - , igual)
eu pego meu cavalete e vou até o jardim.
Lá, me sujo de tinta, de terra,
me sujo de quintal.
Experimento o antigo e o eterno.
Memória e pensamento.
Sol, signo, ícone.
Suor indicial,..

Uma valsa de átomos dançantes

No frio doce de uma noite vermelha,
o acaso, por decreto, nos uniu.
Um instante de espaço e tempo incertos
que, por acidente, ali se abriu.
Um ocupava o outro, ao mesmo tempo.
Um amor indecente e quântico,
orquestrado ainda precocemente,
vítima de um truque sutil semântico.
Se naquele instante tão distante,
eu soubesse o bastante que já sei hoje,
silenciaria a música que lá tocava
e separaria nossos corpos dançantes.
Ocuparia meu tempo, solo, novamente,
e esperaria assim, paciente,
pelo momento certo contra o acaso,
pelo vitorioso humano instante.
Pois nada tira da minha mente
essa eterna ideia fiel e constante,
de que a dança de nossos corpos
faria uma valsa muito mais bonita
se aquela noite vermelha inebriante
fosse a mesma dos vinhos que tomei hoje.
A orquestra não erraria uma nota sequer,
nem os compassos belos e dissonantes,
e o maestro regeria, então, sua obra prima:
uma doce valsa de átomos dançantes.
E eu estaria novamente encantado.
Não estaria como estou agora, todo desbotado.
Já que a música acabou e no nosso tempo esgotado,
toca agora uma canção muda no silêncio do acaso.

Em sol

Pela primeira vez,
todas as palavras já idealizadas,
imaginadas,
realizam-se agora,
no silêncio de nossas bocas.
Em nossos corpos que cantam e dançam
a música do fogo.
Esse incêndio enorme,
que desemboca tudo
que em nós é só,
em sol.

Inexplicável

O que se torna pensamento em mim é só o vento final
da tempestade que se passa por este corpo vasto.
É a onda que toca e termina nos meus pés na areia,
vinda de todo o mar que circula por meus espaços.
É o feixe de luz que entra tímido pela fresta da janela,
enquanto escrevo sob o calor do sol daqui de dentro,
quase que guardado, ainda esperado.
Então não ligue para as minhas palavras não
e esqueça logo tudo que escrevo e falo.
Estas construções não representam nem de perto
o mundo inteiro que se revela dentro de teu abraço.
Por isso, enfim, esqueço o traço
e em ti, desenho um beijo gasto.
Meu lábio no teu lábio.
Bem assim, inexplicável.

José Carlos Brandão

Bauru – SP

É autor de sete livros de poesia: *O emparedado*, *Exílio*, *Presença da Morte*, *Poemas de amor*, *O silêncio de Deus*, *Memória da terra* e *O sangue da terra*, e um de crônicas, *A hora do gavião*. Recebeu prêmios literários, como “José Ermírio de Moraes”; “V Bienal Nestlé de Literatura Brasileira”; “Brasília”; “Cidade de Belo Horizonte”, por um romance inédito (2000); “Gerardo Mello Mourão”; e “Jorge de Lima”.

Os poetas suicidas

Eu amo os poetas suicidas.
Amaram demais a vida.
A corda tensa arrebentou.
Eu vomito quem não é quente nem frio, disse o Senhor,
e os poetas suicidas acreditaram: consumiram-se
no fogo da paixão.
Georg Trakl ouviu o silêncio de Deus, num poço, no bosque.
Cesare Pavese viu a morte nos próprios olhos.
Maiakovski quis ser um girassol.
Ana Cristina César bebeu a sua cota de fel.
Mário de Sá-Carneiro ouviu o eco, o oco, o seco.
Paul Celan mergulhou no abismo de Deus.
Empédocles mergulhou num vulcão
para provar que era Deus.
Os poetas suicidas amaram demais a vida.
Eu amo os poetas suicidas porque não veem,
como eu, indiferentes,
os dedos marcados na borda do poço.
Eu amo os poetas suicidas.
Como as coisas são apenas imagens,
escreveram poesia com a própria morte.

A melancolia de Dürer

Sob o universo de chumbo
o anjo negro espera com o compasso na mão
O menino dorme sob a escada
O cão dorme e vigia enrolado aos pés

Uma coluna com a balança e a ampulheta
ao lado o sino com o quadrado mágico por baixo
Uma pedra geométrica
o martelo
os pregos
a plaina e a bola

O sol da melancolia brilha no horizonte
sob um arco-íris de chumbo

SAN GIROLAMO CHE SCRIVE

Caravaggio ilumina o crânio de São Jerônimo
e a caveira sobre a mesa.

Os livros ao lado calam.

São Jerônimo suspenso no ar
envolto pelas trevas da existência.

Os livros refletem.

Somente os crânios brilham.

A melancolia de João Cabral

João Cabral dizia que tinha um buraco no peito
que era a melancolia
O médico dizia que era depressão e receitava
oras, pílulas

que Cabral não tomava nem quando a Marly
lhe punha na boca
ele cuspiu no canteiro, a flor que se curasse

João Cabral prezava a sua árida melancolia
sob a forma de um buraco no peito que ele enchia
com a poesia

João Cabral tratava a sua melancolia com palavras
duras como pedras
às vezes aguava, nunca demais, o sol é o melhor
elemento para as pedras e para a alma de pedra



Manhã em Itaguá

O barco descansa na praia,
a rede enrolada como uma teia de aranha ao sol.
Urubus ao lado esperam inquietos,
dois atobás passeiam imponentes dentro da água do mar.

As ondas brancas quebram-se na areia,
o peito branco dos atobás eleva-se muito alto.
Os pescadores limpam os peixes,
logo jogarão as entranhas para os urubus
e depois para os atobás no mar.

Brilho de estrelas no escuro da areia monazítica
onde o mar desenhou árvores delicadas
(procuro as flores e os frutos nos galhos).

O azul do céu e do mar,
o verde das montanhas no espelho do mar,
eu me ajoelho
e contemplo
e me recolho à minha concha.
Como um cachorro o universo lambe os meus pés.

Victor Prado
Franca – SP

Victor Augusto França do Prado, nasceu em Palmeira d'Oeste no dia 3 de Setembro de 1995. Atualmente reside em Franca (SP) e cursa Relações Internacionais na UNESP.

as vezes eram o espaço
entre os sonos.
as vezes eram os gritos
entre os sonhos





ecdise

em milagres faria intervenções
transformaria as perdas
em pedras palpáveis e membros fantasmas
em ambiguidades
e logo cada caminho seria recrutado por determinismos
na época das moscas e aranhas

de observadores são os muros e os matos
de barulhos embrulhados permanece o ar
cada criança corre sua vida
e se apressa no desmanchar do casulo
em desfazer seu ninho
no deslembrar de seu nicho
mas
os lobos guardam
caminham calmos
os lobos sabem empacotar vontades

2

montanhas não existem por aqui
os rios cortam mais que lâminas
tu não és peixe nem anfíbio nem réptil
e esse teu coração pulsa nas mãos
pula
teu coração pula
dele saem regatos por teu pulso

o centro de tudo é consequência
por isso generalizações se formam

3

os quero-queros não representam anseios
mas insistem
não me representam
não insisto

na pressa os pés
e o leite
choramos a dor e o derramado
no chão as coisas estão no mesmo plano
mas existem coisas que não são coisas
assim como aqueles regatos insistem em sair por teu pulso

as horas veiam a presença
e embrulham o dia com jornais antigos
cozinham a existência em etileno

4

na minha continuidade as pausas são necessárias
para remontar céus azuis de dias regulares
pra que o fio da meada não me perca

nas presas achamos pares
principalmente quando elas retiram suas fantasias.



UM POETA É OS
POEMAS QUE
ESCREVEU

*Itinerário poético de Sophia
Maria de Lourdes Belchior*

Desde a publicação de *Poesia* (em 1944) que o itinerário poético de Sophia de Mello Breyner Andresen se esboçou com nitidez, contendo, incipientes, quase todos os elementos que vão constituir-se como característicos do seu mundo.

Mar, maresia, efeitos de luz nas paredes caiadas como sinais de *amplidão* e de *claridade*; uma demanda de algo sem limites, um sentido agudo do *nunca mais*; de tudo isto se encontram testemunhos em *Poesia*. Recorde-se, por exemplo, o poema que começa: “Nunca mais / Caminharás nos caminhos naturais” (*Poesia*, p.56). É flagrante a afinidade de tom com o poema “Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal” (*Mar novo*).

Desde sempre se contrapõe, na sua poesia, à imagem de um *tempo dividido* que o homem vive como *tempo de ameaça*, *tempo de ódio*, *tempo de nojo*, absoluto, sem limites. Dir-se-ia que o mar, “o mar imenso solitário e antigo” (*Poesia*, p.19), lhe ensinou desde sempre ou pelo menos lhe apontou desde muito cedo uma *lisura*, um desejo de *amplidão* e de *quietude* (embora quietude abissal e tensa). E desde cedo, desde *Poesia*, se concretiza a oposição entre uma grandiosa natureza pura, feita de solenidade e beleza, e a cidade (“Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas, / ó vida suja, hostil, inutilmente gasta”, *Poesia*, p.31).

O mar, a amplidão do mar, o “mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim” (*Dia do mar*), o mar assume uma presença genesíaca e purificadora na poesia de Sophia (“Desde a orla do mar / Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim”, *Dual*, p.22).

À guisa de introdução nesta apresentação da sua poesia, poder-se-iam comentar, como fez Jorge de Sena com os seus, os títulos dos livros de poesia de Sophia*. Talvez que o itinerário, que por outras vias pode esboçar-se, fique deste modo confirmado.

Poesia, título do primeiro livro em 1944, é toda obra de Sophia de Mello Breyner Andresen: dir-se-ia que tudo fica transfigurado em poesia no cadinho da inspiração, de mistura com o seu admirável ofício de poeta. *Dia do mar* (1947) é uma espécie de revelação: o mar, a praia, a casa, os jardins (reais e míticos) são, de certo modo, suportes e estrutura da sua demanda da *perfeição*, da *pureza* e da *harmonia*. *Dia de mar* significa nesta “leitura” dos títulos da sua obra poética o tempo recuperado da infância, o tempo em que aprendeu a escutar as vozes de um “mundo / sonoro, nítido e denso” (p.48) e, simultaneamente o tempo *aberto* por sobre o silêncio das coisas: “Ao longe por mim oiço chamando / A voz das coisas que sei amar. // E de novo caminho para o mar”. (p.61). O mar é uma espécie de possibilidade de banho lustral, onde tudo se purifica e adquire sentido. *Coral* (1950) prolonga, pelo significado duplo da palavra, a temática marítima e alude à sonoridade de um cântico que irrompe solene e ao mesmo tempo despojado. Em *Coral* há um breve poema que dá o título ao livro: “Ia e vinha / E a cada coisa perguntava / Que nome tinha” (p.47). Ao longo de toda a sua poesia desenvolve-se uma inquirição serena, discreta mais insistente sobre *o nome das coisas*. Em *Coral*: “Os pinheiros gemem quando passa o vento” (p.69); neste poema perpassa aliás a sombra do F. Pessoa da *Mensagem*. O poema remata: “E uma antiquíssima nostalgia de ser mastro / Baloíça nos pinheiros.” Pessoa escreve no poema “D. Dinis”: “Na noite escreve um seu Cantar de Amigo / O Plantador de naus a haver, / E ouve um silêncio múrmuro consigo: / É o rumor dos pinhais que, como um trigo / De Império, ondulam sem se poder ver.”

No tempo dividido (1954) exprime a dicotomia *tempo-dividido-tempo-absoluto*. O tempo dividido é o tempo que “Como um monstro a si próprio se devora”; o tempo absoluto é o da consumação da *unidade prometida*. Neste sentido o poema “Santa Clara de Assis” é a exemplificação de tal perspectiva:

Eis aquela que parou em frente
Das altas noites puras e suspensa

Eis aquela que soube na paisagem
Adivinhar a unidade prometida:
Coração atento ao rosto das imagens,
Face erguida,
Vontade transparente
Inteira onde os outros se dividem.

Mar novo (1958) é outra vez a obsessão do mar, o que não quer dizer que ela não esteja quase sempre presente em toda a sua obra. O penúltimo poema de *No tempo dividido* remata assim: “No dia puro procura um rosto puro / Um rosto voluntário que apesar / Do tempo dos suplícios e dos nojos / Enfrente a imagem límpida do mar” (p.63). Dir-se-ia que o mar é sinal do tempo absoluto frente ao tempo dividido – “tempo dos suplícios e dos nojos”. Em *Mar novo*, mar absoluto, limpidez, *tempo indiviso*, novamente a demanda não só do nome das coisas como da viabilidade da “reconstrução de um mundo puro” (p.12). Esta demanda de um tempo puro, na procura da unidade, tem raízes fundas na sua poesia. No primeiro poema que publicou em *Cadernos de Poesia* (n.1, 1940) e que inseriu no volume *Poesia* (p.44) há já esta demanda exigente da verdade. Em *Mar novo* novamente a busca de um sentido para as coisas e a demanda da unidade do ser.

O “puro espaço” e a “lúcida unidade” (p.29, de *Mar novo*) procura-os Sophia a todo transe. Puro espaço e lúcida unidade serão equivalência de absoluto por oposição ao dividido, efêmero. Em *Poesia* há um verso-chave: “Se tanto me dói que as coisas passem”, verso que, por assim dizer, se prolonga em poemas como “Mediação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal” (p.31).

É em *Mar novo* que se desenha nítido o tempo dividido como tempo de ódio e de renúncia (veja-se o poema que começa: “Este é o tempo / Da selva mais obscura”). Este tempo dividido opõe-se radicalmente ao tempo absoluto do seu desejo. Donde a procura de valores éticos como antídoto da podridão. Em contraste com um mundo liso e puro, a moeda corrente da corrupção. Paradigmático é, nesta perspectiva, o poema “Porque” (p.54). Aliás esta demanda de valores éticos e a consciência aguda da sua urgência num mundo corrupto será talvez um dos elementos que *une* os poetas dos *Cadernos de Poesia*. Jorge de Sena, polemicamente elevando a um estremo paradoxo a sua conclusão, escreve sobre os *Cadernos de Poesia* (artigo inserto em *Estudos de Literatura Portuguesa I* – p.229-34): “aos chamados poetas

dos *Cadernos* nada os irmana, absolutamente nada do que habitualmente aglutina um grupo. Tudo os separa” (p.234).

Acontece porém que a denúncia do tempo de ódio, tempo de nojo e de desolação se encontra, em termos de certa afinidade com Sophia Andresen num poeta hoje pouco citado: Tomaz Kim. De *Exercícios temporais* releiam-se, por exemplo, versos do poema “Tempo habitual”: “De nojo o tempo, o nosso: / A perfídia estrumando / No presumir da carícia branda e sorriso / De todos. // De raiva o tempo, o nosso: / Céu, mar e terra abrasando / Em clamor de labareda e navalha afiada / E sangue. // De pavor o tempo, o nosso”, etc. “De nojo, de raiva, de pavor, / O tempo transido do nosso viver / Dia a dia. // Mas não de amor...” (p.17-18). A diferença está em que a poesia de Tomaz Kim dá corpo a um pessimismo radical e a de Sophia, como aliás a de Jorge de Sena, aponta para a consciência da dignidade do ser, donde, em última instância, a sua fidelidade à demanda de um tempo não dividido.

Um poema como “Lusitânia”, de *Mar novo*, deixa adivinhar a profundidade e as raízes de poemas do *Livro sexto*, como “Pátria” (p.59), “Exílio” (p.62), “Pranto pelo dia de hoje” (p.61), etc.

E, chegada a vez do *Livro sexto* (1962), nesta “leitura” dos títulos dos seus volumes de poemas, teremos de resignar-nos à verificação de ser apenas um título com número de série? *Livro sexto* só é o 6º da série de seus livros de poemas, se considerarmos o *Cristo cigano* (1961) um caso à parte. *Livro sexto* não será, como diz Óscar Lopes, “o seu melhor livro de poesia até agora” (cf. 12ª edição da *História da Literatura Portuguesa*, de A. J. Saraiva e Óscar Lopes, p.1094), mas é talvez o livro em que se misturam e entrecruzam mais perfeitamente, num admirável tecido estético, vários elementos da sua poética. Elementos de um mundo mítico, feito de sal e maresia, de água lisa e de silêncio que é a habitação das formas espantosas (cf. “Reino”, p.13) e, simultaneamente, um mundo humano, quase demasiado humano, onde há *abutres* e *pessoas sensíveis* (cf. “O velho abutre”, p. 69, e “As pessoas sensíveis”, p. 65). Uma poesia fiel aos espaços da solidão onde parecia que só deuses despontavam e uma poesia fiel à dimensão do cotidiano. Uma poesia feita de mitos e sombras, de lisura e maresia, e uma poesia onde incarnam vultos de ignomínia e desespero. Uma poesia onde se ouve o “antigo sussurrar do mar”, uma poesia que busca “a luz dum dia limpo” (cf. “Labirinto”, p.40) e que no mito do

mar se perfaz (“Quando eu morrer voltarei para buscar / Os instantes que não vivi junto do mar”, cf. “Inscrição”, p. 44). Mas também uma poesia onde ao “espantoso esplendor do mundo”, antes entrevisto, se sobrepõe “o espantoso sofrimento do mundo” (Discurso na entrega do Grande Prêmio de Poesia que à autora foi atribuído pela Sociedade Portuguesa de Escritores em 1964). Sofrimento nascido das subserviências, da mesquinhez, dos desencontros e abusos, e inserido num “Tempo de solidão e de incerteza”, “de medo”, e “de traição”, “de injustiça e de vileza, / Tempo de negação”, etc. (“Data”, p. 63).

Em *Geografia* (1967) prolongam-se as linhas da teia mítica e da captação da natureza como elemento de purificação. Divisa-se, num mundo nomeado, o sentido das coisas (cf. p. 15) e encontramos, uma vez mais, com a “sordidez do mundo”. A “cidade” está, por oposição à natureza, coberta de “uma terrível atroz imensa / Desonestidade” (“Cidade dos outros”, p. 22). Poemas como “Esta gente” (p.24-25), “Velório rico” (p.27), prolongam uma “poesia comprometida” desde o *Livro sexto*. E o mundo do tempo ido, da casa que os ventos rodearam, dos jardins e das praias lisas, volta a despontar, de vez em quando, nimbado de nostalgia e de sonho. *Geografia*, como o título parece inculcar, abrange e evoca-os, descrevendo lugares e gentes. Lugares e gentes que são do Algarve, do Mediterrâneo e da Grécia. A Grécia é aliás uma espécie de lugar de transparência e de ressonâncias fundas que corresponde a certa demanda da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Se esboçássemos uma *geografia* radicada nos poemas de Sophia, dir-se-ia que do frio mar Atlântico, contemplado na sua infância, passou ao Mediterrâneo luminoso e quente e que trocou as brumas do Norte pelas claridades do Sul.

Dual (1972) repete no título a imagem do mundo *dividido* e de certo modo a tentativa de conciliar em “aliança”, a “solidão com as coisas exteriores” (cf. em *Geografia*, p.44, poema “Signo”). *Dual* é um livro amadurecido, onde topamos com poemas onde os valores éticos se exprimem em beleza e plenitude (“Camões e a tença”, p.73; “Retrato de uma princesa desconhecida”, p.74; “Catarina Eufémia”, p.75, etc.). Em *Dual* continua também a exprimir-se aquela *obsessão do mar* que desde o princípio se encontra na obra de Sophia (vejam-se, como exemplo, os poemas “Inicial”, p.54, e “Há muito”, p.47). “Em Hydra,

evocando Fernando Pessoa” é um admirável poema onde entre outras coisas se diz que “tudo é divino como convém ao real” (p.58).

A beleza do mar, da natureza, a sua serenidade e os seus mitos são assumidos ao longo de toda a poesia de Sophia. Há nela – escreveu Jacinto do Prado Coelho – “um Alberto Caeiro em que o cristianismo assumisse o paganismo sem o anular”. O cristianismo é aliás um dos *modos* de aglutinação de quase todos os elementos da sua poesia: discretamente, sem apologéticas, mas dando sentido a todas as coisas, inclusive à morte. Nesta perspectiva o poema “Maria Natália Teotónio Pereira” testemunha de valores do cristianismo, como a *ressurreição*, com a vitória última sobre a destruição e a morte.

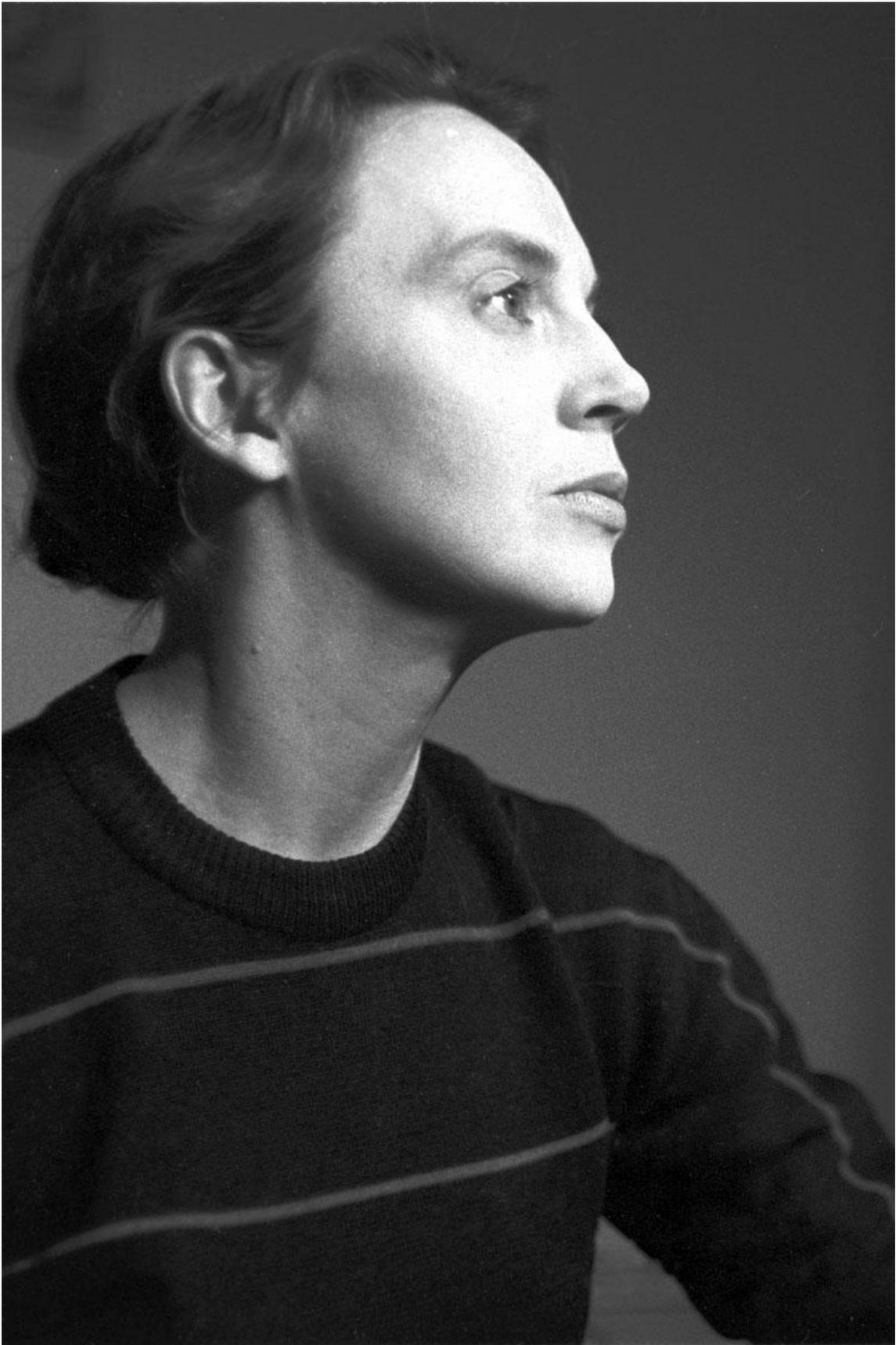
O nome das coisas foi publicado em 1977; se prosseguirmos na “leitura” dos títulos dos seus livros de poesia, o significado deste é evidente: dar nome às coisas é, de certo modo, conhecê-las e emprestar-lhes sentido. Num belo poema de *O verbo e a morte* (“Nomeio o mundo”), Vitorino Nemésio escreveu: “Nomeei as coisas e fiquei contente: / Prendi a frase ao texto do universo”. Em Sophia o nomear das coisas não é só ligá-las ao universo como, em certa medida, exorcizá-las e denunciá-las, chamando-as pelo seu nome. É o caso do poema “Guerra ou Lisboa 72” (p.15), em que se denuncia a guerra colonial; é o caso de poemas como “Com fúria e raiva” (p.31), “Nesta hora” (p.30), “Nestes últimos tempos” (p.71) ou “Poema” (p.75). Já o breve poema “Como o rumor” (p.18) se situa na linha de decifração do cosmos: “Como o rumor do mar dentro de um búzio / O divino sussurra no universo / Algo emerge: primordial projecto”. E sempre a consciência do tempo dividido, do homem dividido, prometido à “perfeição divina” no seu ser de “presunção mortal” (p.76).

Navegações (1983), o mais recente livro de poemas de Sophia, retoma a temática do mar, em perspectivas de aventura do ser e de aventura de um povo. *Navegações* é a epopeia do ver e a tentativa de “viver a inteireza do possível” (cf. “As ilhas”, III).

A poesia de Sophia, que Jorge de Sena, em *Líricas Portuguesas, 3ª série*, caracterizou com “irmão da majestade subtil de Pascoes e das grandes odes de Álvaro de Campos”, é um dos testemunhos mais belos da *consciência* exigente de um artista que assume corajosamente a *sua missão* de poeta. Para lá das redutoras designações de poesia pura



©Nuno Calvet



©Nuno Calvet

ou poesia comprometida, poesia social ou poesia metafísica, a sua obra *revela* os desígnios do poeta: “Sei que seria possível construir o mundo justo”... “Sei que seria possível construir a forma justa / De uma cidade humana que fosse / Fiel à perfeição do universo // Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco / E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo” (“A forma justa”, *O nome das coisas*, p.70). ou, conforme declarou em 11 de julho de 1964, no texto já citado: “Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: “Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas que somos por direito natural, *herdeiros da liberdade e da dignidade do ser.*”

Eis uma poesia em que a liberdade e a dignidade do ser incarnam e se decifram no tecido multímido dos poemas.

NOTA DOS ORGANIZADORES: O texto de Maria de Lourdes Belchior constitui uma introdução sobre os principais títulos de Sophia de Mello Breyner publicados até a ocasião dessa “leitura”. Este é um texto de 1986 e depois dessa data vieram a lume quase outra quantidade de livros da poeta portuguesa. Entretanto, a abordagem da pesquisadora constitui não apenas um marco no processo de *organização* da obra de Sophia, mas uma incursão sobre os principais temas praticados por sua poesia.

Eurydice

A noite é o seu manto que ela arrasta
Sobre a triste poeira do meu ser
Quando escuto o contar do seu morrer
Em que o meu coração todo se gasta.

Voam no firmamento os seus cabelos
Nas suas mãos a voz do mar ecoa
Usa as estrelas como uma coroa
E atravessa sorrindo os pesadelos.

Veio com ar de alguém que não existe,
Falava-me de tudo quanto morre
E devagar no ar quebrou-se, triste
De ser aparição, água que escorre.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Dia de Mar* (1947).
A partir de *Obra poética*, p. 157

Gráfico

I

Curva dos espaços, curva das baías,
Vida que não é vida com os gestos inúteis,
Quem me consolará do meu corpo sepultado?

II

Mostrai-me as anémonas, as medusas e os corais
Do fundo do mar.
Eu nasci há um instante.

III

A mulher branca que a noite traz no ventre
Veio à tona das águas e morreu.

IV

Chego à praia e vejo que sou eu
O dia branco.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Coral* (1950)
A partir de *Obra poética*, p. 184

Nos últimos terraços dos espaços
Sobre os ventos imóveis e calados
Dorme.

Nem a Primavera derramada
Nem o terror e o caos que a terra gera
Nem a sombra vermelha dos corpos mutilados
Atravessam
As barreiras de silêncio que o separam.

Tem o rosto voltado ao infinito
Um rosto perfeito de traços imutáveis.
Nem frio, nem calor, nem ar, nem água
O alimentam.

Respiram unicamente o seu segredo
O seu segredo secreto para sempre

E duas fontes correm dos seus olhos fechados.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Coral* (1950)
A partir de *Obra poética*, p. 219

Porque

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.
Porque os outros têm medo mas tu não

Porque os outros são os túmulos caiados
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo
Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Mar novo* (1958)
A partir de *Obra poética*, p. 341

Primavera

As heras de outras eras água pedra
E passa devagar memória antiga
Com brisa madressilva e Primavera
E o desejo da jovem noite nua
Música passando pelas veias
E a sombra das folhagens nas paredes
Descalço o passo sobre os musgos verdes
E a noite transparente e distraída
Com seu sabor de rosa densa e breve
Onde me lembro amor de ter morrido
- Sangue feroz do tempo possuído

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Livro sexto* (1962)
A partir de *Obra poética*, p.421

Signo

Meu signo é o da morte porém trago
Uma balança interior uma aliança
Da solidão com as coisas exteriores

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Geografia* (1967)
A partir de *Obra poética*, p. 476

Grécia 72

De novo os Persas recuarão para os confins do seu império
Afundados em distância confundidos com o vento
De novo o dia será liso sobre a orla do mar
Nada encobrirá a pura manhã da imanência

Sophia de Mello Breyner Andresen, *O nome das coisas* (1977)
A partir de *Obra poética*, p.607

A Forma Justa

Sei que seria possível construir um mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos - se ninguém atraíçoasse - proporia
Cada dia a cada um a liberdade e o reino
- Na concha na flor no homem e no fruto
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo

Sophia de Mello Breyner Andresen, *O nome das coisas* (1977)
A partir de *Obra poética*, p. 660.

Beira-Mar

Mitológica luz da beira-mar
A maré alta sete vezes cresce
Sete vezes decresce o seu inchar
E a métrica de um verso a determina
Crianças brincam nas ondas pequeninas
E com elas em brandíssimo espriar
Em volutas e crinas brinca o mar

Sophia de Mello Breyner Andresen, *O Búzio de Cós e Outros Poemas* (1997)
A partir de *Obra poética*, p.830

A poesia não me pede propriamente uma especialização pois a sua arte é a arte do ser. Também não é tempo ou trabalho o que a poesia me pede. Nem me pede uma ciência nem uma estética nem uma teoria. Pede-me antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar. Pede-me uma intransigência sem lacuna. Pede-me que arranque da minha vida que se quebra, gasta, corrompe e dilui uma túnica sem costura. Pede-me que viva atenta como uma antena, pede-me que viva sempre, que nunca durma, que nunca me esqueça. Pede-me uma obstinação sem tréguas, densa e compacta.

Pois a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com

apenas relação com uma matéria há apenas artesanato.

É o artesanato que pede especialização, ciência, trabalho, tempo e uma estética. Todo o poeta, todo o artista é artesão duma linguagem. Mas o artesanato das artes poéticas não nasce de si mesmo, isto é da relação com uma matéria, como nas artes artesanais. O artesanato das artes poética nasce da própria poesia à qual está consubstancialmente unido. Se um poeta diz «obscuro», «amplo», «barco», «pedra» é porque estas palavras nomeiam a visão do mundo, a sua ligação com as coisas. Não foram palavras escolhidas esteticamente pela sua beleza, foram escolhidas pela sua realidade, pela sua necessidade, pelo seu poder poético de estabelecer uma aliança. É da obstinação sem tréguas que a poesia exige que nasce o «obstinado rigor» do poema. O verso é denso, tenso como

arte

poética

**por Sophia de Mello
Breyner Andresen**

as vozes e as imagens. Por isso o poema não fala duma vida ideal mas sim duma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros, aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão.

É esta relação com o universo que define o poema com o poema, como obra de criação poética. Quando há

um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tensos como arcos, exactamente vividos. O equilíbrio das palavras entre si é o equilíbrio dos momentos entre si. E se tudo é dito numa escrita mágica é porque a magia foi a substância do tempo.

E no quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida.

* Arte Poética II foi publicado pela primeira vez em 21 de Janeiro de 1963. Seguidamente a Arte Poética I e II foram publicadas com alterações em *Geografia* (1967). Fac-símile. Arquivo Biblioteca Nacional de Portugal (Reprodução).

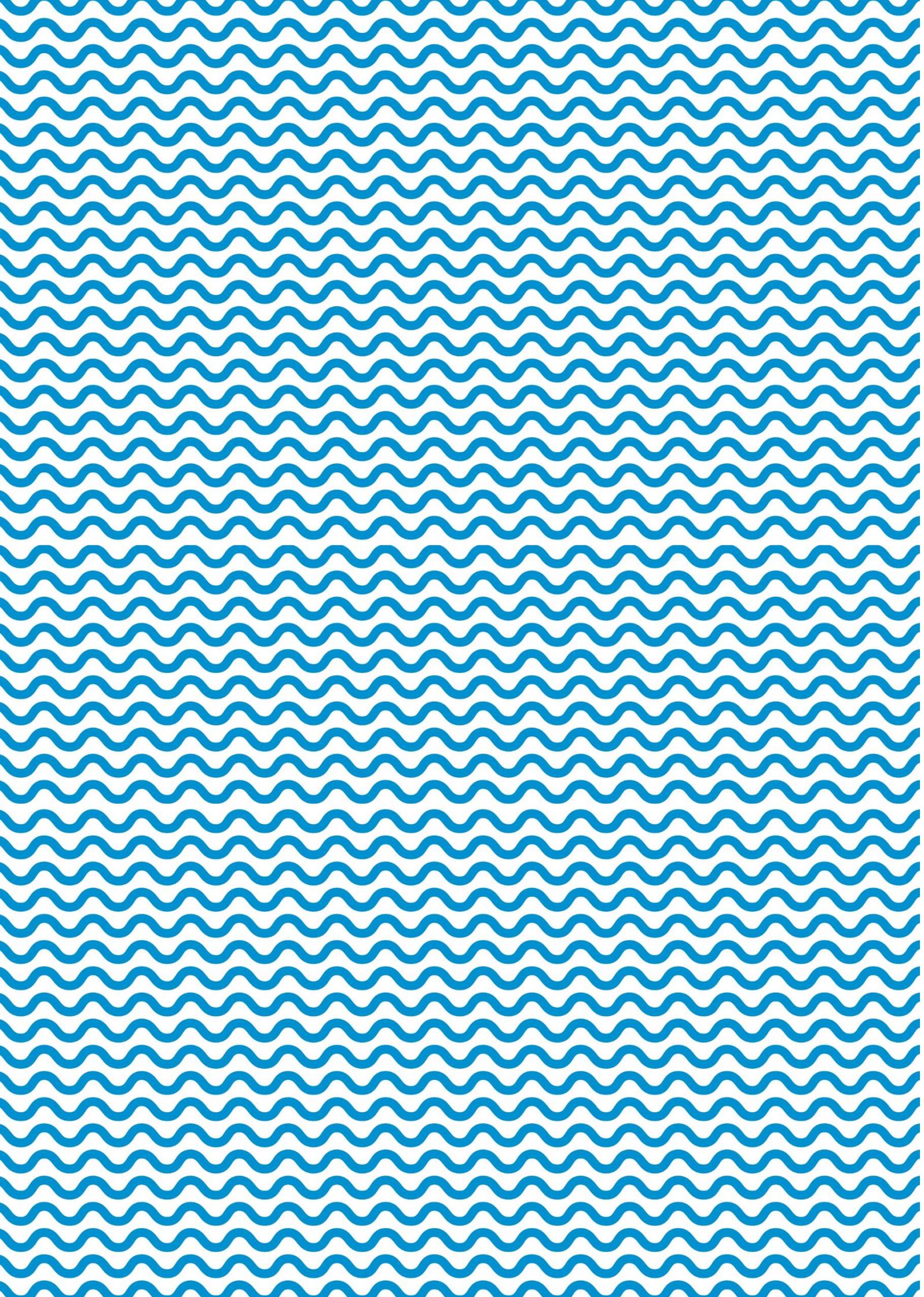
2 POEMAS DISPERSOS

Inocência e Possibilidade [1943]

As imagens eram próximas
como coladas sobre os olhos
o que nos dava um rosto justo e liso;
os gestos circulavam sem choque nem ruído
as estrelas eram maduras como frutos
e os homens eram bons sem dar por isso

**

És como a Terra-Mãe que nos devora
Prendendo a nossa vida no seu peso.
De ti nos veio a morte, e trazemos
A tristeza e a sombra dos teus membros
Colada ao nosso sonho e o teu amor
Rói-nos na raiz. Larga os nossos braços.
Deixa crescer os gestos que nos brotam.
Nós temos outro corpo para formar,
Não o corpo pesado que nos deste
Mas um outro que está no horizonte.
Deixa-nos crescer, deixa-nos nascer
E que a nossa raiz de ti se arranque.



OS CONVIDADOS

Alexandre Bonafim Felizardo

Graduado em Letras pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais (2001); especialista em Fundamentos da Crítica Literária (2002) e mestre em Estudos Literários – ambos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara (2006). É doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2012). Atualmente é professor adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás, unidade de Morrinhos. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa e Brasileira, atuando principalmente nos seguintes seguimentos: poesia portuguesa, literatura portuguesa, literatura brasileira, poesia brasileira.

Pedro Belo Clara

Formado em Gestão Empresarial e pós-graduado em Comunicação de Marketing. Atualmente tem centrado sua atividade como formador de leitura e de escritor; participou, com seus trabalhos literários, em exposições de pintura e em diversas coletâneas de poesia lusófona, tendo sido igualmente preletor de sessões literárias. Colaborador e membro de portais artísticos, assim como colunista de revistas e blogs literários, tanto portugueses como brasileiros, é autor dos livros *A jornada da loucura* (2010), *Nova era* (2011), *Palavras de luz* (2012) e *O velho sábio das montanhas* (2013) – sendo os dois primeiros de poesia.

7faces

caderno-revista de poesia

www.revistasetefaces.com

O caderno-revista de poesia 7faces é uma produção semestral independente com interesse na publicação de poesia.

Editores

Pedro Fernandes
Cesar Kiraly

Organização desta edição

Pedro Fernandes e Cesar Kiraly

Conselho editorial

Eduardo Viveiros de Castro
Ésio Macedo Ribeiro
Maria Filomena Molder
Nuno Júdice

Convidados para esta edição

Alexandre Bonafim Felizardo; Pedro Belo Clara

Colaboradores (por ordem de apresentação)

Ricardo Escudeiro	Nathan Matos Magalhães
Bianca Coggiola	José de Paiva Rebouças
Stefano Calgaro	Rodrigo Della Santina
Suzy Freitas	Douglas Siqueira
Guilherme Dearo	José Carlos Brandão
Alexandre Guarnieri	Victor Prado

Agradecimentos

A todos que enviaram material para a ideia e em especial aos professores/pesquisadores Alexandre Bonafim Felizardo e Pedro Belo Clara que se dispuseram a escrever sobre Sophia de Mello Breyner Andresen; à multiartista Rebeca Rasel pelo conjunto de fotografias que ilustra a presente edição.

Contato

Pelo correio eletrônico dos editores,
pedro.lettras@yahoo.com.br, **ckiraly@id.uff.br** ou
através do correio eletrônico da redação
revistasetefaces@ymail.com

7faces. Caderno-revista de poesia.

Natal – RN. Ano 4. Edição n. 10. ago.-dez. 2014.

ISSN 2177-0794



Licença Creative Commons.

Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservada a face de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e fica disponível para download em **www.revistasetefaces.com**

Os editores deste caderno-revista são isentos de toda e qualquer informação que tenha sido prestada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados, conforme declaração enviada por cada um dos autores e arquivadas no sistema 7faces.

Capa/Contracapa: Sergio Lucena

Sergio Lucena (1963) é paraibano. Estudou Física e Psicologia na Universidade Federal da Paraíba. Dos 17 aos 20 anos de idade, recebeu do artista Flávio Tavares orientação informal em pintura e desenho. Artista autodidata, ao longo da sua carreira obteve prêmios nos principais salões do país, participou de workshops, intercâmbios e residências em Berlim, Washington DC. e Dinamarca com exposições em galerias e instituições de arte do Brasil e exterior. Em 2012 recebeu o Prêmio Mário Pedrosa, como Artista Contemporâneo de 2011, da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

Artes do interior do periódico: Rebeca Rasel

Rebeca é do Rio de Janeiro (1980). Artista visual, graduada em História da Arte/Licenciatura e mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Algumas das imagens desta edição foram coletadas da internet e nos casos identificáveis cita a fonte de todas as obras aqui disponibilizadas. Em caso de violação de direitos, mau uso, uso inadequado ou erro entrar em contato; nos comprometemos a atender as exigências no prazo legal de 72 horas contadas do momento em que tomarmos conhecimento da notificação.

Para participar da ideia, deve o poeta consultar o espaço www.revistasetefaces.com, para ler as regulagens e enviar o material; ou solicitar aos editores através dos contatos pedro.letras@yahoo.com.br e ckiraly@id.uff.br o envio das regulagens.

